

SÍLVIA HELENA DOS SANTOS TEIXEIRA

PÁGINA "LIVROS": UMA PROPOSTA DE INFORMAÇÃO LITERÁRIA

**Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Comunicação Social da
Universidade Federal do Ceará, para fins de obtenção da graduação em
Comunicação Social.**

FORTALEZA-CEARÁ

1996

AGRADECIMENTOS

Professora Catarina Farias, por ter concordado em orientar este trabalho.

Aos professores Souto Paulino e Nonato Lima, por terem concordado em fazer parte da banca examinadora.

ÍNDICE

I - INTRODUÇÃO

1. ARTE, LITERATURA E CAPITALISMO

- 1.1 Produção Capitalista: A Arte Enquanto Mercadoria
- 1.2 Função Social da Arte: A Capacidade de Conscientizar
- 1.3. O Artista e as Artes no Contexto da Produção Capitalista
- 1.4. O Surgimento da Imprensa e a Apropriação da Literatura

2. CRÍTICA LITERÁRIA E JORNALISMO

- 2.1 Surgimento da resenha e sua função no mercado consumidor
- 2.2 O Gêneros Jornalísticos
- 2.3 A Resenha Literária: O Produto Recomendado

3. UMA PROPOSTA DE INFORMAÇÃO LITERÁRIA

- 3.1 As Fontes e o Controle da Informação
- 3.2 Um Projeto de Informação Literária
- 3.3 A Seleção de Livros: o mais importante é o leitor
- 3.4 Tempo: o grande inimigo
- 3.5 Mercado Leitor: a descoberta do universo literário
- 3.6 Literatura: um assunto para todos os dias
- 3.7 Omissões: as falhas podem ser corrigidas

II - CONCLUSÃO

III - BIBLIOGRAFIA

IV - ANEXO

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é discutir o espaço que a Literatura ocupa na produção jornalística moderna. Nossa preocupação primordial é analisar o tratamento que o Jornalismo dá à produção literária no contexto de fragmentação das técnicas da notícia, tendo como objeto de estudo a página "Livros" que integrou o caderno de variedades (Caderno 3) do jornal cearense "Diário do Nordeste" de abril de 1993 a maio de 1996, todas às quartas-feiras. Atualmente a página faz parte da reedição do Caderno de Cultura do DN, veiculado a partir de maio de 1996, todos os domingos. O presente estudo limita-se ao período inicial da página "Livros".

Para desenvolver a análise deste trabalho, tomarei como ponto de partida o estudo sobre Indústria Cultural, iniciada pelos teóricos de Frankfurt (Adorno, Horkheimer e Marcuse), passando pelas correntes divergentes, representada por Walter Benjamin e sua "obra de arte na era da reprodutibilidade técnica", como forma de situar a arte no contexto da sociedade capitalista, mostrando como se transforma desde sua condição de "obra de arte", até sua mutação em objeto de consumo e conseqüente democratização.

O papel da arte e do artista serão mostrados no segundo capítulo, para um melhor compreensão destes dois elementos dentro do contexto da sociedade capitalista. Mostrar-se-á também como se deu a introdução da literatura no universo jornalístico através da veiculação dos folhetins e das críticas literárias, na tentativa de analisar a apropriação da Literatura pela imprensa e o que este acontecimento significou para a produção literária e sua popularização nos meios intelectuais e não-intelectuais.

A partir da descrição dos gêneros literários, como forma de situar a resenha literária no universo da produção jornalística, chegaremos a página "Livros", do Diário do Nordeste. A análise do conteúdo da página será feita a partir de seu

surgimento, sua estrutura formal, suas dificuldades de produção e suas propostas de informação sobre as opções do mercado editorial, e de algumas entrevistas com críticos e professores de Literatura, com o próprio Editor do Caderno 3 do Diário do Nordeste, que é a parte do jornal em que está enserida a página "Livros". Este capítulo traz ainda, considerando os aspectos positivos e negativos, sugestões para uma ampliação do universo literário focalizado na página.

É neste direcionamento que o presente trabalho tem a perspectiva de, a partir deste estudo de caso, trazer contribuições para estudantes que pretendam ingressar na atividade jornalística dedicada a resenha literária, ou mesmo para aqueles que já trabalham na área (editores e resenhadores), na forma de sugestão para um tratamento mais abrangente que os jornais deveriam dar aos assuntos relacionados a Literatura. Principalmente quando se leva em consideração ao conteúdo e aspectos estruturais do espaço ocupado dentro do jornal, tomando o cuidado de absorver, através da seleção de livros, todas as faixas de público, mostrando opções para quem deseja ampliar seu conhecimento, despertando a curiosidade daqueles não muito familiarizados com a arte literária. Porque deve esta a meta a ser atingida para aqueles que se dedicam a orientar o leitor sobre as diversas opções de leitura: levar o leitor a uma viagem ao misterioso e inusitado universo literário, e trazê-lo de volta com uma visão ampliada do mundo e de si mesmo.

CAPÍTULO - I

1. ARTE, LITERATURA E CAPITALISMO:

1.1. Produção Capitalista: a arte enquanto mercadoria.

Para estudarmos a Literatura no contexto da produção jornalística, é preciso situar sua relação com o conceito de arte e o significado que esses dois termos (arte e literatura) assumiram com a ascensão do Capitalismo, no processo de produção jornalística, compreendendo os níveis de relação entre Arte-Jornalismo-Literatura-Capitalismo, abordando especificamente o significado que as categorias espaço-tempo passaram a ter na sociedade moderna onde está inserido o jornalismo.

No campo da Comunicação, os teóricos que mais se destacaram na análise das transformações provocadas pela ascensão do Capitalismo, com o surgimento da Indústria Cultural e a conseqüente mercantilização dos bens artísticos, destacando seus efeitos sobre os indivíduos, foram os teóricos da Escola de Frankfurt. Para a realização deste trabalho, resgatamos as principais considerações de Adorno, Horkheimer, Marcuse e Walter Benjamin. Por melhor representarem os extremos de um mesmo assunto, tais autores investigaram a Indústria Cultural, de onde partirei a análise deste estudo, observando o tratamento que a teoria desses estudiosos atribuíram à dimensão artística e ao lugar da arte no Capitalismo.

Na análise de Bárbara Freitag, em seu livro "Visão Crítica da Indústria Cultural" (1986, pag 112), Adorno afirmava que a arte, em sua dimensão estética, passou por transformações marcadas basicamente por dois fatores fundamentais: a transição do Feudalismo para o pré-Capitalismo e a transição do Capitalismo para a sociedade de massas.

Segundo Freitag, na visão de Adorno, a arte, reservada a uma elite durante o período feudal e início da burguesia, se socializa com a Revolução Tecnológica Industrial, convertendo-se em bens de consumo de massa.

Essa socialização da arte no contexto do capitalismo foi compreendido de formas diversas pelos autores que se dedicaram a analisar os caminhos percorridos pela produção dos bens artísticos e sua transformação em bens de consumo.

Para os teóricos Adorno, Horkheimer e Marcuse (ainda retomando a análise de Freitag) a arte se insere dentro do conceito de Cultura segundo a distinção entre "cultura" e "civilização", ou seja, entre o mundo das idéias e dos sentimentos elevados de um lado, e o mundo da reprodução material do outro. Em seu artigo "Caráter Afirmativo da Cultura" (1937), Marcuse atribuiu a sedimentação dessa distinção à emergência da burguesia na Europa. Enquanto o mundo da reprodução material impunha sofrimento e privações aos que correspondiam a massa de explorados nas relações de produção, o mundo cultural acenava com a esperança de felicidade e liberdade, se não realizado no presente, prometida para o futuro.(Freitag, 1986,pag.113).

A idéia de promessa de felicidade apenas no plano espiritual consistia nunca forma de conter os membros da sociedade e dissuadi-los de lutar por melhores condições de vida material, favorável apenas a uma minoria detentora dos meios de produção. A grande maioria da população estava excluída tanto dos bens materiais como dos bens e manifestações culturais.(Freitag,1986,pag 114).

A separação entre cultura e civilização, durante muito tempo, permitiu a sociedade burguesa justificar a exploração que a grande maioria sofria no processo de desenvolvimento capitalista e no cotidiano miserável. No entanto, essa sociedade, através dos bens culturais, acena com um mundo melhor de amor e prosperidade, tematizados em obras de artes, que simbolizavam a promessa de felicidade. Segundo Marcuse (Freitag,1986,pag.115), a arte, neste contexto, assume um caráter alienante uma vez que levaria os homens a uma adequação às formas desumanas da sociedade, sem qualquer tipo de constestação.

O que Marcuse denuncia é a apropriação que o ideal capitalista faz da obra de arte, utilizando-a para repassar suas ideologias. Em nome de uma falsa igualdade, de uma liberdade anulada e de promessas ilusórias, a arte se torna um porta-voz adequado a dominação burguesa. Isso acontece necessariamente porque a obra de arte expressa esse mundo com sua linguagem subjetiva que não denuncia imediatamente o sujeito (o Capitalismo) que dimensionam esse processo de alienação e dominação das classes subalternas.

Como denuncia Adorno e Horkheimer, a transformação da arte em mercadoria será o caminho adotado pela ação capitalista.

A produção cultural e artística criada pela sociedade de massa cria ilusão de felicidade concretizada no presente e que não precisa ser adiada para o futuro, fazendo com que a massa que a consome esqueça a realidade miserável na qual vive. A dimensão crítica que existia na obra de arte autêntica aqui é eliminada, dando lugar a uma cultura facilmente assimilável que irá preencher o espaço de lazer do trabalhador, não lhe permitindo questionar as relações de produção em que está inserido. A dissolução da obra de arte em bens de consumo, propagando uma falsa idéia de democratização da arte, recebeu o nome de Indústria Cultural.

Na visão de Adorno, a dissolução da obra de arte, representada pela tecnificação e industrialização dos bens artísticos, reduzindo a arte a esfera do consumo, implicava na perda do caráter crítico da arte. Na Indústria Cultural, a arte perde sua autonomia e transforma-se em produto cultural, lançado no mercado e por ele consumido. As nuances e detalhes da arte autêntica, baseadas nas próprias experiências de seus produtores, cede lugar à totalidade da Indústria Cultural, com seus sistemas de produção e padronização, destinado à venda e consumo com o objetivo de iludir as massas que a consomem acerca da situação de exploração a que estão submetidos.

Para Adorno, a arte produzida pela sociedade de consumo é monopolizada por uma elite que detém os meios de produção. A esta elite não

interessaria uma arte com teor crítico e transformador de uma sociedade. A arte industrializada não nasce da necessidade de mostrar uma visão de mundo, uma forma de ver, que explicaria o papel do indivíduo na sociedade. Tal arte teria a função oposta, de afastar o homem do conhecimento de sua condição social, alienando-o. Dessa forma, o homem torna-se apenas mais uma peça dentro da engrenagem da produção capitalista, reafirmando as relações de dominação entre classe dominante e dominada

“A técnica que conquista seu poder sobre a sociedade e o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje e a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma”
(Adorno, 1947, 114).

A técnica, segundo Adorno, a princípio relacionada ao conceito de padronização e produção em série (reprodução e disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidade iguais) revela seu poder de conquista sobre a sociedade através do poder que os economicamente mais fortes exercem sobre essa mesma sociedade, estabelecendo, desta forma, sua função na economia atual.

Por intermédio da técnica aperfeiçoada, a Indústria Cultural falseia o cotidiano, reduzindo a tensão entre a obra produzida e a vida cotidiana. O que antes era produzido segundo uma inspiração da alma em confronto com a tradição histórica e que constituía a essência da arte "autêntica" e "séria", fica comprometida com a produção serial de bens artísticos. No afã de imitar a verdadeira obra de arte, o produto cultural retira de sua essência todo um processo histórico que a caracteriza como elemento identificador de um determinado momento histórico. No lugar, é produzida, através da técnica, uma arte que se repete, uma cópia de si mesma, sem história, pronta a atender a necessidade de mercado. (Adorno, 1985, pag 118).

Cultural Para Adorno, a Indústria Cultural esvazia a obra de arte e a submete a "uma barbárie estética" a título de cultura, atingindo igualmente o todo e a parte,

liquidificando os detalhes e descaracterizando o real, o qual ela se propõe reproduzir, estabelecendo um prolongamento entre o real e a ficção.

"O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção cotidiana, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme" (Adorno, 1985, 118).

Todo esse processo, segundo Adorno, provoca uma alienação crescente do consumidor diante da realidade, pois acabaria por eliminar a dimensão crítica da obra de arte.

Ao exaltar a "obra de arte aurática", destacando sua dimensão crítica e valor cultural, em detrimento da arte produzida pela Indústria Cultural, Adorno deixa de mostrar que as duas formas artísticas fazem parte de um mesmo fenômeno: o uso dos bens artísticos como forma de poder, de distinção, de dominação e opressão. Os artistas financiados pela nobreza negociavam sua arte com a classe dominante, só fazendo aquilo que interessava às elites que os sustentavam, afastando das massas o acesso tanto às obras de arte como ao significado cultural que representavam. Também em relação às obras de arte autênticas, as massas eram alienadas de seu papel social, tal como acontece na relação dos indivíduos com a arte produzida pela Indústria Cultural.

Não pretendo aqui fazer uma apologia da Indústria Cultural. É indiscutível que o desenvolvimento tecnológico-industrial, manipulado por uma elite dominante, provocou transformações devastadoras sobre a produção cultural e dos bens artísticos, inculcando nas massas que os consome a ideologia da ordem estabelecida pela classe hegemônica. Mas também não se pode negar que a Indústria Cultural, fruto de uma ordem estabelecida pela produção capitalista, tornou-se parte de nossa sociedade, em que toda a produção artística, como diz o próprio Adorno

(1985,pag.118) “é obrigada a passar pelo filtro da Indústria Cultural”. E nesse processo, tanto a arte descartável, sem preocupação de mudar a realidade social, como a arte voltada para a contestação da Ideologia dominante, ou mesmo as que representam a arte autêntica, são obrigadas a entrar no circuito da Indústria Cultural para chegar ao público consumidor, ou apreciadores.

Se a Indústria Cultural transformou a arte em mercadoria, em alguns casos esta mercadoria conservou, em parte, no objeto, a qualidade do valor cultural, seja como representação crítica da realidade alienada, seja como identificadora de uma sociedade.

Desta forma, a música, a Literatura, a pintura, a fotografia, a televisão e todas as demais atividades artísticas, nas mais diferentes formas de manifestação cultural e qualificação, passam pelo mesmo processo de produção capitalista de padronização, industrialização, marketing, venda e consumo.’

A arte, na sociedade capitalista, obedece aos mesmos mecanismos mercadológicos de qualquer produto exposto em uma vitrine de uma loja ou nas prateleiras de supermercado. Cabe ao consumidor, nas condições da sociedade capitalista, a escolha do objeto que pretende comprar, de acordo com seu gosto e nível cultural.

Outro teórico da Escola de Frankfurt, Marcuse analisa a obra de arte partindo da estética marxista, mas fazendo uma releitura de sua ortodoxia predominante, segundo a qual a obra de arte

“representa os interesses e a visão do mundo de determinadas classes sociais dentro do contexto das relações sociais prevalecentes” (Marcuse, 1977, 15), atribuindo à arte uma função política e um potencial político.

A crítica de Marcuse baseia-se na teoria marxista, mas atribuindo o potencial político da arte à própria arte, na forma estética em si, independente das relações sociais existentes. Nestas condições, a arte não só contesta a ordem estabelecida como a transcende, desde que a arte em questão obedeça aos critérios

estéticos previamente definidos como constitutivos da arte "autêntica" ou "grandiosa".

Desse modo, a obra de arte reflete em sua estrutura o conteúdo de uma determinada realidade em processo, transformando a experiência vivida para uma "forma estética" e atribuindo ao processo histórico, à realidade, um novo significado. A obra de arte seria, nestas condições, denunciadora e reveladora. Através do conteúdo tornado forma se revela a obra de arte autêntica e verdadeira.

Para Marcuse (1977,PAG.17), no momento em que a obra de arte desvirtua a realidade da luta de classes da realidade pura e simples essa dissolução não leva a uma falsa consciência, a uma alienação, mas a uma reinterpretação da realidade.

Representaria o não-conformismo com a realidade estabelecida ao fazer uma redefinição do real. Ao contrário da arte grande, autêntica, superior, que se propõe a uma libertação do indivíduo da realidade alienada, a arte da Indústria Cultural assumiria o papel de impedir a conscientização dos indivíduos de sua condição de explorados, perpetuando a reprodução do sistema capitalista. No lugar de uma arte singular e personalizada, um produto destinado ao consumo coletivo.

Marcuse acreditava que a democratização da cultura (ou a dissolução da obra de arte) em consequência de uma reorganização da produção material nos moldes socialistas, acabaria por dispensar a longo prazo a produção artística, uma vez que a arte, nestas condições, anunciaria a materialização da felicidade no mundo do trabalho e perderia sua razão de ser.

Como a assimilação da cultura na esfera da civilização não aconteceu na perspectiva analisada por Marcuse, ele teve que rever suas posições teóricas e destacou a preservação da "aura" na obra de arte como a única forma de impedir suas assimilação ao sistema capitalista de produção.

Ao resgatarmos os pensamentos de Adorno, Horkheimer e Marcuse, tivemos a intenção de destacar o caráter autêntico que estes autores atribuíram a

produção artística. O trio Frankfurtiano compreende que a saída para a recuperação da criação artística é a preservação da obra de arte autêntica e distante do processo de massificação e alienação, proporcionado pela Industrialização da Cultura no contexto da sociedade de massa. Entretanto, na realidade de nossa pesquisa, a produção Literária encontra-se no espaço de produção jornalística e da fragmentação da informação, profundamente inserida no contexto capitalista.

Para compreendermos outras dimensões da concretização da obra literária no espaço do jornalismo é preciso ampliarmos a visão de Adorno, Horkheimer e Marcuse, e abordarmos outras concepções que analisam o surgimento da arte no contexto da industrialização capitalista, destacando o processo de socialização da arte no cotidiano.

1.2. A Função Social da Arte: a capacidade de conscientizar.

Walter Benjamin não vê da mesma forma negativa de seus colegas da Escola de Frankfurt o processo de industrialização e massificação da obra de arte, ou seja, a perda de sua aura. Em seu ensaio "A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica" (1946), Benjamin, ao fazer um histórico da arte desde a Idade Média até chegar à Revolução Tecnológica, afirma que a reprodução técnica atingiu um padrão de qualidade que lhe permitiu submeter as artes a uma transformação profunda e conquistar um lugar nos procedimentos artísticos.

Na passagem do período burguês para a sociedade de massas a arte perde a sua "aura" devido a dois fatores fundamentais: tecnificação crescente do mundo e a reprodutibilidade técnica da obra de arte, levando os bens artísticos a uma massificação do consumo, decorrente da modernização da sociedade burguesa do século XIX. Para Benjamin, a "perda da aura", apesar de extinguir a unicidade e singularidade da obra de arte, assume uma nova qualidade e funcionalidade. (Freitag, 1986, pag 115).

Frankfurtiano: A industrialização socializa os bens artísticos, tornando-os acessível a todos e lhes confere um potencial político.

Ao generalizar o consumo da obra de arte, a reprodutibilidade técnica modifica o caráter, a natureza dos bens artísticos, modificando, conseqüentemente, a percepção do consumidor diante da obra de arte desaurizada. Ao provocar uma mudança de percepção e atitude no consumidor, a moderna obra de arte poderia ser utilizada como instrumento político, como nos apresenta Benjamin (1942,112).

"No momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de afundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política" (Benjamin, 1946, 112).

Isto decorre, na visão de Benjamin, da necessidade do indivíduo de "fazer as coisas ficarem mais próximas" e superar o caráter único dos fatos através da sua reprodutibilidade. Esta nova forma de percepção decorrente das transformações no interior da sociedade através da evolução dos períodos históricos, teria a responsabilidade de trazer a tona elementos do cotidiano na perspectiva de transformá-los.

Dessa forma, a técnica e sua reprodutibilidade, ao "desaurizar" os bens artísticos, ao destacar do domínio da tradição o objeto reproduzido, e lançá-lo aos domínios da transitoriedade, acabaria por conferir à arte a qualidade de conscientizar as massas através da distração, a necessidade de transformação.(Benjamin,1946,115).

"Realizar certas tarefas, quando estamos distraídos, prova que realizá-las se tornou para nós um hábito. Através da distração, como ela nos é oferecida pela arte, podemos avaliar, indiretamente, até que ponto nossa percepção está apta a responder a novas tarefas. E, como os indivíduos se sentem tentados a esquivar-se a tais tarefas, arte conseguirá resolver as mais difíceis e importantes sempre que possa mobilizar as massas"

A análise de Benjamin sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte na perspectiva de transformação política choca-se com a visão dos seus colegas

frankfurtianos (Adorno, Horkheimer e Marcuse) que atribuíam a reprodução o caráter alienante da arte, por retirar-lhe o aspecto da tradição cultural.

As transformações ocasionadas pelo desenvolvimento tecnológico-Industrial da sociedade de consumo estimularam o desdobramento da arte na era da reprodutibilidade técnica. Tais transformações fizeram com que a arte adquirisse mecanismos de adaptação ao sistema capitalista desde seu surgimento até os dias atuais.

Neste contexto, a Literatura, de atividade reservada a uma elite intelectualizada passou a se expandir para o resto da sociedade, através de um mercado livre que possibilitou o acesso de uma parcela maior da sociedade.

A Literatura burguesa entra no cotidiano dos indivíduos através dos folhetins veiculados nos jornais. Acessível, este gênero literário levou às páginas dos jornais do início do século passado obras de autores dos mais diversos estilos e interesses temáticos. Com o passar do tempo, a Literatura adquiriu uma nova forma de se apresentar aos leitores, através dos livros.

Expostos em prateleiras de livrarias, estes objetos se distribuem de diferentes formas, conteúdos, podendo ser adquirido a preços variados de acordo com sua cotação no mercado. Como as demais atividades artísticas, a produção literária teve de se adaptar ao modo de produção capitalista, absorvendo seus padrões mercadológicos.

O escritor, o artistas, neste contexto, adquiriu um novo financiador para sua arte. Se antes eram agenciados por nobres da aristocracia feudal, com a ascensão do capitalismo os artistas passaram a ser representados por empresas editoriais.

Neste contexto, a Literatura, de atividade reservada a uma elite, passou a se expandir através de um mercado livre que possibilitava o acesso de uma parcela maior da sociedade.

Hoje a relação arte e capital tornou-se indissolúvel. A produção literária, por exemplo, é, sem dúvida, um bem cultural transformado em mercadoria, e só pode estabelecer a relação escritor-leitor, ou seja, a transmissão de conhecimentos, depois de passar pelos padrões da produção capitalista. Exposto nas prateleiras como qualquer outro produto de supermercado, os livros esperam pela escolha dos consumidores.

Este processo mercadológico não invalida o valor como obra de arte de determinados livros. Ao lado destes convivem outros que não têm a mesma dimensão cultural e artística. A escolha dos livros vai depender do nível de acesso dos indivíduos à produção do conhecimento. Até porque o processo de escolha é um indicativo da caracterização cultural da sociedade em que vivemos. Uma sociedade que não privilegia a educação e a cultura caracteriza o nível intelectual do indivíduo que dela faz parte. As contradições sociais vividas nesse contexto terão reflexo na relação vivenciada entre atores sociais e a produção literária, objeto de estudo deste trabalho.

1.3. O Artista e as Artes no Contexto Capitalista.

As transformações ocasionadas pelo desenvolvimento tecnológico-industrial da sociedade de consumo estimularam um desdobramento da arte na era da reprodutibilidade técnica. Estas transformações fizeram com que as atividades artísticas adquirissem mecanismos de adaptação ao sistema capitalista desde seu surgimento até os dias atuais.

Se por um lado a Indústria Cultural esvaziou o conteúdo tradicional e cultural da obra de arte, eliminando seu aspecto crítico, ao simplificar os conteúdos, acabou por desencadear um processo de socialização da Cultura, retirando da elite o privilégio do acesso aos bens culturais e levando às classes menos favorecidas o direito de também deles usufruírem. Durante esse processo de

transição, que corresponde historicamente ao período compreendido entre o declínio do Feudalismo e a ascensão da burguesia, o artista e sua relação com a obra passaram por profundas transformações.

Se antes o artista mantinha uma aproximação direta com sua obra e com o receptor, que era quem o patrocinava, com o avanço capitalista o artista tornou-se um produtor de mercadorias, sujeito às oscilações de um mercado livre que produzia sua obra em série e a expunha a ávidos consumidores anônimos cada vez mais ansiosos por novidades. Como lembra Ernest Ficher (1978:72), o artista nesse período de transição, se viu livre das amarras, mas também da prodigalidade dos nobres feudais, que não mediam gastos para a produção artística, para cair nas teias da produção capitalista, a qual proclamava a liberdade de expressão, mas se mantinha presa a acumulação e concentração de lucro e contenção de gastos.

Para a sociedade capitalista, segundo Fischer, o que importava era o lucro, e a arte "não dava lucro", daí a sua marginalização dentro dessa sociedade. A fase áurea da arte produzida pelo gênio criador e inventivo cedeu lugar ao produto cultural destinado à comercialização e ao lucro.

"O período artístico brilhante da burguesia estava chegando ao fim. Os artistas e as artes entravam no mundo capitalistas da produção de mercadorias em sua forma desenvolvida, com sua completa alienação do ser humano, com a exteriorização e materialização de todas as relações humanas, com a divisão do trabalho, a fragmentação e a rígida especialização, com o obscurecimento das conexões sociais e com o crescente isolamento e a crescente negação do indivíduo" (Fischer, 1978, 62).

Para o artista inclinado aos ideais burgueses progressistas, a ascensão da burguesia, levada a efeito com a Revolução Francesa com seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, constituiu-se numa grande desilusão. A idéia de liberdade, amparada na escravidão assalariada, transformou o indivíduo numa simples peça no processo de produção capitalista. Em face às contradições do sistema capitalistas de produção, com o acirramento da luta de classe, a avidez pelo lucro, a redução de infinitas possibilidades humanas a meras especializações, o

artista consciente passou a combater o mundo hostil e desumano que se desvendava à sua frente. E a primeira tendência estética a se pronunciar contra o mundo burguês capitalista foi o Romantismo.

Na visão de Fischer (1978,pag.67), se por um lado o Romantismo se opunha ao sistema vigente, por outro acabou se transformando, por suas características intrínsecas, no próprio retrato daquilo que ele queria negar.

"O escritor 'livre', repelindo todos os laços, opondo-se ao mundo burguês e - inadvertidamente - reconhecendo o princípio burguês da produção para o mercado, apareceu pela primeira vez com o romantismo. Em seu protesto romântico contra os valores burgueses e em seu esforço de independência (que o levou até o papel de boêmio) tal escritor fez do seu trabalho precisamente aquilo que pretendia denunciar: uma mercadoria " (Fischer, 1978, 67).

Para Fischer, se no sóbrio, mas pessoal mundo da aristocracia, o artista mantinha uma relação direta com sua arte, no mundo capitalista emergia o artista desiludido e fragilizado em meio a impessoalidade e desumanidade do novo processo social, que submetia o homem a uma crescente divisão do trabalho, da especialização e conseqüente fragmentação da vida.

Por outro lado, este novo processo social, comandado por ideais burgueses, possibilitou a socialização da cultura e dos bens artísticos. Na verdade, de certa forma, libertou o artista. Ele não mais executaria aquilo que a nobreza, que o financiava, impunha. As relações de dominação eram outras. Um mercado livre ditava agora as regras da criação artística. Mas este fato não mudou, como ainda hoje não muda, os rumos do artista consciente na direção de uma arte reveladora e reflexiva, autêntica.

A Indústria Cultural, que nasceu com a burguesia, serve, neste caso, como meio de transmissão de uma arte representativa de uma sociedade, pródiga em teor crítico e tradição cultural.

Muitos artistas direcionam seu trabalho para um nível cultural que permite compreender a sociedade em que vivemos. Alguns escritores, por exemplo, tentam buscar, em seus romances, uma compreensão do papel do indivíduo dentro do

processo histórico e social. Livros, músicas, filmes fazem questionamentos neste sentido e buscam respostas. São transmissores de uma arte reveladora, crítica, e que, apesar de buscar o lucro, não é meramente comercial.

Diferentemente dos artistas do Romantismo, os produtores culturais de hoje não se revoltam com o fato de sua arte ser uma mercadoria. Tentam (os artistas que se inclinam para uma arte mais elaborada e de conteúdo profundo) na medida do possível, situar o indivíduo no caótico e desumano mundo capitalista e compreender a condição humana.

1.4. O Surgimento da Imprensa e a Apropriação da Literatura.

A veiculação de narrativas através do meio de comunicação impresso, na forma de folhetim, foi uma maneira de atrair e ampliar um maior número de consumidores para a nova forma de expressão estética que emergia, colocando o artista em xeque entre a criação e a arte voltada exclusivamente para o lucro.

O jornal, que surgiu em meio ao desenvolvimento industrial burguês, guarda íntima relação com o processo social do capitalismo, em sua forma fragmentada de ver a realidade, regida pela marca da transitoriedade, trazendo a público velhos e batidos assuntos travestidos de novidade. Fazendo parte integrante do novo sistema social que emergia, que socializou e diluiu a cultura para abranger maior número de consumidores, o jornal chegava a todos indistintamente, indiferente ao nível cultural ou social de quem o consumia, e chegando a uma parcela da sociedade que buscava pura e simplesmente entretenimento.

Ao veicular os folhetins, o jornal introduziu a Literatura burguesa no cotidiano dos indivíduos. Acessível a uma grande parcela da sociedade, este gênero literário levou às páginas dos diários noticiosos do início do século passado obras de autores dos mais diversos estilos e interesses temáticos, que ocupavam as páginas reservadas aos folhetins e tinham seu público fiel.

"O romance romântico dirigia-se a um público mais vasto, que abrangia os jovens, as mulheres e muitos semiletrados; essa ampliação na faixa dos leitores não poderia condizer com uma linguagem finamente elaborada nem com veleidades de pensamento crítico: há o fatal 'nivelamento por baixo' que sela toda subcultura nas épocas em que o sistema social divide a priori os homens entre os que podem e os que não podem receber instrução acadêmica. O fato é que o novo público menos favorecido busca algum tipo de entretenimento sendo o folhetim o que melhor se estrutura no seu nível" (Alfredo Bosi, 1993: 232).

Esta relação entre jornal e literatura constituiu-se numa ligação bem peculiar desenvolvida no seio da produção capitalista, que se tornou a característica fundamental da sociedade moderna. O jornal, como fruto das cultura industrializada, absorveu tais características. Como diz David Harvey (1993: 22), a sociedade moderna tem sido a afirmação constante do sentido do fugido, do efêmero, da fragmentação. A marca da transitoriedade "dificulta a preservação de todo o sentido de continuidade histórica". Do mesmo modo, o processo de produção do jornal guarda uma relação íntima com esta característica fundamental da modernidade, que é a transitoriedade e a fragmentação dos fatos sociais, dissociando-se do contexto histórico em que foram produzidos.

Ciro Marcondes Filho (1989, 40), trabalhando com a perspectiva marxista da "alienação do indivíduo em relação ao produto de seu trabalho", o que vai provocar uma "consciência dividida" no homem, afirma que "a fragmentação da realidade em partes estanques repercute no caráter da veiculação noticiosa no jornalismo" e que tal fragmentação produz igualmente mentalidades fragmentadas, diluídas, difusas, que vêem o contexto social, a realidade, sem nenhum nexo, sem nenhum fio condutor. E mais adiante acrescenta: "para mentalidades fragmentadas, a fragmentação cai como uma luva".

A fragmentação, que distancia o indivíduo do contexto histórico, e o remete a uma forma esfacelada de ver a realidade, está presente no processo de produção jornalística e atua como uma peça dentro da engrenagem mercadológica do jornal, transformando a notícia, o fato, numa coisa jogada no mundo, um fato sem origem e sem veiculação com nada (1989, 41).

A Literatura, vista sob esse ângulo pela imprensa, é representada segundo os valores pelos quais se orientam a sociedade industrializada. Se antes se apresentava na forma de folhetim, mais tarde a Literatura adquiriu uma nova forma de se apresentar ao público consumidor. Este não precisava esperar pelo dia seguinte para acompanhar passo a passo a evolução do romance apresentado nos jornais. Os leitores podiam ver na íntegra as histórias cujos capítulos eram reunidos num único objeto: o livro.

E desta forma a Literatura hoje é apresentada nos jornais: reduzida a um produto que está sendo oferecido no mercado, no caso, mercado editorial. A ligação entre Literatura e modo de produção jornalística integra a arte literária às características da informação impressa, que por sua vez está voltada para o modo de produção capitalista no que se refere aos conceitos de padronização, fragmentação e transitoriedade. A Literatura, assim, integra-se à ideologia do novo e do transitório, reduzida a um objeto de consumo apresentado numa resenha literária, que sugere o lançamento de livros, como a mais nova palavra do que deve ser lido e consumido.

Entretanto se faz necessário questionar em que sentido a abordagem literária no jornalismo está relacionada com a suposta "objetividade" e a fragmentação presentes no processo de produção do jornal e que lugar ocupa na sociedade moderna, e, com isso, avaliar que rumo a criação toma no contexto da modernidade, especificamente no processo de produção do jornal, na perspectiva de uma análise literária mais preocupada com o leitor e o prazer que pode proporcionar uma boa leitura, no sentido de levantar questões sobre a condição humana.

CAPÍTULO II - A CRÍTICA LITERÁRIA E JORNALISMO:

2.1 SURGIMENTO DA RESENHA E SUA FUNÇÃO NO MERCADO CONSUMIDOR

Ao fazermos uma revisão da Literatura e sua desvirtuação enquanto obra de arte no processo de consolidação do capitalismo, procuramos resgatar o sentido e a dimensão do processo de socialização que a expressão artística passou a ter no campo referente ao acesso público. Essa discursão colaborou para situarmos nosso objeto de estudo "Página Livros", do jornal cearense Diário do Nordeste, como proposta de informação literária, no contexto desenvolvido e hoje vivenciado nas relações capitalistas da imprensa. Será nesse contexto que analisaremos a dimensão que a Literatura ocupa na imprensa, tomando como pano de fundo o contexto capitalista. Antes, porém, de entrarmos na análise mais imediata, veremos como se dá a classificação da presença da Literatura no jornalismo.

Na visão de Ciro Marcondes Filho, em seu livro "Capital da Notícia", no jornal não há lugar para a Literatura, pois no meio jornalístico não há lugar para a criação artística. O jornalista tem à sua volta toda uma estrutura montada nos interesses específicos do jornal, que o impede de criar em cima de seu ofício: o de escrever. Ele apenas reproduz acontecimentos, sem se envolver com o fato noticiado, sem ter como situá-lo dentro do contexto histórico. Segundo Marcondes Filho, no jornal não há espaço para o lúdico, a criatividade, para a poesia ou para o romance literário, porque este tipo de atividade não se insere no contexto da objetividade, do transitório, do atual mantido pela empresa jornalística, a não ser como forma de produto vendável, de comércio, que é a alma da produção capitalista, em cujas teias o jornal se encontra. (Ciro Marcondes Filho, pag 35,1986).

Na verdade, esta realidade não é privilégio somente da cobertura de um fato qualquer de nosso cotidiano, em que o jornalista não toma seu lugar como autor, mas como uma figura anônima, programada para expor a visão dos fatos segundo a óptica do jornal. Isto se estende aos trabalhos jornalísticos dito de autor, como no de resenhador ou mesmo quando se trata de matérias assinadas. Há sempre a idéia de venda de um determinado produto, venda de informação ou indução de compra de um determinado bem, no caso dos resenhadores, de bens artísticos.

A resenha, objeto de estudo deste trabalho, se traveste de informação para impor determinado produto aos leitores, espondendo os objetos artísticos nas páginas de jornal, como se estivessem dispostos em uma vitrine de livraria. Erradamente chamada de crítica, que está num nível mais profundo de análise de uma obra de arte, a resenha figura no jornal e aparece para os leitores como a última palavra em arte segundo a opinião do autor, entendido como uma verdadeira autoridade na separação do jóio do trigo, do bom e do ruim, do que deve ser consumido ou não.

Para um melhor entendimento da resenha, é preciso situar sua origem e significado de sua presença no processo de produção jornalística, intimamente ligado a produção capitalista.

Marques de Melo, em seu livro "A Opinião do Jornalismo Brasileiro", afirma que o emprego do termo "crítica" se generalizou no Brasil em detrimento do gênero jornalístico denominado "resenha", que "corresponde a uma apreciação das obras de arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores".

Desse modo, a palavra "crítica" persiste no processo de produção do jornal, assumindo aquela função, e o "crítico" o responsável pela análise.

Este descompasso, explica, Mello, decorre da transição pela qual passou o jornalismo brasileiro, quando passou de sua fase de implantação, em que os intelectuais assumiram a tarefa de análise estética das artes em geral, às vezes remunerados, às vezes não, para o período profissionalizante, quando o jornal

passou a contratar jornalistas para a apreciação dos produtos artísticos, atividade que passou a ser feita regularmente e remunerados, adquirindo caráter mais popular.

Isto porque os intelectuais se recusaram a se curvar às simplificações e vulgarizações pretendidos pela indústria cultural, e os jornalistas precisavam ampliar o raio de influência junto ao público, sendo preciso, portanto, simplificar a informação para abranger maior número de público.

"Os grande intelectuais que continuaram a realizar exercícios críticos estruturados segundo os padrões da análise acadêmica refugiaram-se nos periódicos especializados ou nos veículos restritos ao segmento universitário da sociedade brasileira. E se autodenominaram "críticos", em contraposição àqueles que permaneceram nos meios de comunicação coletiva, ou que se agregaram ao trabalho de apreciar os novos lançamentos artísticos, cujos textos passaram chamar de "resenhas", traduzindo a expressão review utilizada pelo jornalismo norte-americano" (Mello, 1987: 98).

No início do século, os jornais brasileiros dedicavam-se a apreciação dos produtos culturais (literatura, música, teatro, etc.) em análise mais profunda, tendo em vista o restrito público leitor, mais intelectualizado. A partir da década de 30, quando a imprensa parte para uma parcela maior de leitores, abrangendo a classe média e o operariado, a análise dos bens culturais passa por profundas transformações. Ao invés de crítica, a apreciação das obras-de-arte recebeu o nome de "resenha". No lugar de obras-de-arte (criações refinadas restrita a uma elite intelectualizada) são analisados produtos culturais destinados ao consumo.

"Assim, não é a literatura que se aprecia, mas o livro colocado no mercado. Desaparece (ou se torna residual) a crítica estética, dedicada a apreender o sentido profundo das obras de arte e situá-las no contexto histórico, surgindo, em seu lugar, a resenha, uma atividade mais simplificada, culturalmente despojada, adquirindo um nítido contorno conjuntural". (Melo, 1987:99).

O desenvolvimento da Indústria Cultural possibilitou o surgimento do gênero jornalístico "resenha", que por sua maneira simples e direta de abordar os bens culturais, conquistou o público menos familiarizado com a linguagem intelectualizada dos "críticos". Talvez por isso mesmo a resenha, como gênero jornalístico, tem crescido nos meios de comunicação social, tendo em vista a

progressiva expansão da indústria cultural no Brasil e o grande número do público consumidor dos bens artísticos da indústria cultural que procuram os críticos ou resenhadores para uma orientação dos produtos artísticos que pretendem consumir.

A crítica literária, por sua vez, saiu do circuito jornalístico e passou a ser veiculada nos meios culturais de âmbito mais intelectualizado, em universidades, através de livros cujos autores são estudiosos de Literatura dedicados a análise longa e aprofundada da arte literária e estão longe do comércio generalizado assumido pela resenha.

Mais apropriada a informação simples e de apelo mais popular do jornal, praticamente pensando pelo leitor e lhe dizendo o que deve consumir ou não, a resenha literária passou a ser veiculada nos jornais absorvendo sua política de comércio da informação, sem a preocupação de uma análise da obra de arte, mas expondo-a como produto vendável. Essa superficialidade na abordagem dos bens artísticos se sustenta na tentativa do jornal de nivelar os indivíduos, não mostrando a eles que estão separados pelas diferenças sociais. A política do jornal está orientada para colocar uma cortina de fumaça na luta de classes e fazer os indivíduos acreditarem que eles são todos iguais, independente da classe social, raça, cor, credo religioso, sexo e outras diferenças.

Neste contexto, a resenha literária se afina com o processo de produção jornalística. Ela está acima das diferenças sociais que separa em abismos profundos os que têm acesso ao conhecimento dos que não têm, dos que têm acesso à educação e dos que estão condenados ao analfabetismo. A resenha nivela os indivíduos, como se as diferenças sociais simplesmente não existissem. Ela expõe os livros e os submete à livre escolha dos leitores, como se esta "livre escolha" não estivesse intimamente relacionada com a situação social, econômica, política da massa que compõe a sociedade. Com isso, a resenha, como parte do processo jornalístico, contribui para a manutenção da política de dominação e alienação das classes subalternas, não mostrando sua real situação no processo social.

2.2. Os Gêneros Jornalísticos.

Para estudar e fazer uma análise da crítica ou resenha literária no jornal, é necessário situá-la dentro da classificação dos gêneros jornalísticos, como forma de procurar entender melhor as peculiaridades da mensagem (forma/conteúdo/temática) e permitir avanços na análise das relações socio-culturais (emissor/receptor) e político-econômicas (instituição jornalística/ Estado/ corporações mercantis/movimentos sociais) que permeiam a totalidade do jornalismo. Desta forma, isto levará a uma compreensão de como este meio de expressão jornalística (a resenha) se comporta dentro do universo da informação do jornal, no que diz respeito às suas propostas, desde a idealização da estrutura espacial e temporal, seu contexto histórico dentro do jornal em que é veiculada, até chegar ao objetivo maior, que é atingir o público/leitor, atraindo-o para o que existe em termos de mercado editorial.

Segundo José Marques de Melo, em sua obra "A Opinião no Jornalismo Brasileiro", a classificação dos gêneros jornalísticos supõe uma definição amparada em "universos culturais delimitados", uma vez que tais gêneros são determinados pelo "estilo", que por sua vez depende da relação dialógica entre o jornalista e o público". Com isso, a classificação dos gêneros teria implicações culturais, com algumas categorias importadas atuando na estrutura operativa do jornal, não obstante o mesmo mantenha especificidades nacionais e regionais que ordenam o processo de redecodificação das mensagens transnacionais. Assim, existem as classificações européias e norte-americanas, hispâno-americanas e a classificação brasileira, interagindo culturalmente entre si e mantendo suas respectivas especificidades locais, ainda que fazendo uma reinterpretação das mensagens.

No caso brasileiro, não existe ainda uma classificação específica para os gêneros jornalísticos, sendo Luís Beltrão praticamente o único pesquisador a se voltar para esta questão. Segundo sua classificação, os gêneros jornalísticos se distribuem em três categorias:

- A) Jornalismo Informativo.
 - 1. Notícia.
 - 2. Reportagem.
 - 3. História de Interesse Humano.
 - 4. Informação pela imagem.

- B) Jornalismo Interpretativo.
 - 5. Reportagem em profundidade.

- C) Jornalismo Opinativo.
 - 6. Editorial.
 - 7. Artigo.
 - 8. Crônica.
 - 9. Opinião ilustrada.
 - 10. Opinião do leitor.

Luís Marques de Melo fez algumas considerações a esta classificação, observando nela traços comparativos e atitude do presidente Nixon, que encarava o jornalismo como uma atividade "séria", onde não haveria lugar para a diversão. Para Melo, falta à concepção de jornalismo de Beltrão a categoria diversional, além de não se ater à natureza dos gêneros no que diz respeito ao estilo, estrutura narrativa e técnica de codificação, mas obedecendo ao senso comum que rege a própria atividade profissional, estabelecendo limites e distinções entre as "matérias", e fazendo distinções entre itens que poderiam fazer parte do mesmo gênero (reportagem e reportagem em profundidade).

Melo, então, propõe uma nova classificação, que se estabelece da seguinte forma:

A) Jornalismo Informativo.

1. Nota.
2. Notícia.
3. Reportagem.
4. Entrevista.

B) Jornalismo Opinativo.

5. Editorial.
6. Comentário.
7. Artigo.
8. Resenha.
9. Coluna.
10. Crônica.
11. Caricatura.
12. Carta.

Na classificação de Melo, como se pode ver, a resenha figura como item que pressupõe autoria definida e explicitada, indicando orientação e sintonização do receptor. Estrutura-se, portanto, enquanto narração dos valores contidos nos acontecimentos a partir da angulação do assunto e autoria da mensagem. A resenha, identificada como gênero opinativo, enquandra-se na categoria cuja angulação é determinada pelo critério de competência dos autores na busca dos valores inerentes aos fatos avaliados.

Entretanto, como explica Melo, a expressão de opinião não deve ser tomada no sentido de "categorização das mensagens que pretendem explicitamente atribuir valor aos fatos", mas compreendida como mecanismo de direcionamento ideológico, corporificando-se nos processos jornalísticos através da seleção das incidências observadas no organismo social e atendendo às características de atual e

de novo, com o intuito de induzir os leitores a uma interpretação pré-fabricada. Com isso, a opinião, no jornal, estaria comprometida com interesses de grupos proprietários de empresas jornalísticas.

Hoje, O que equivale a dizer que a resenha literária, com suas opções de leitura, estaria comprometida com interesses entre jornais e empresas editoriais, buscando a indução de uma maior procura por livros pertencentes a determinadas editoras ligadas financeiramente a esses jornais. Com este pensamento, as pessoas deveria pegar seus jornais e colocá-los no lixo, e abolir para sempre essas fontes de notícias tendenciosas, que só querem nos enganar. Ao invés de recusar uma informação, por duvidar de sua veracidade, não seria mais prudente verificar o que existe por trás dela?

2.3. A Resenha Literária: produto recomendado.

A resenha, definida como um gênero jornalístico destinado a orientar o público na escolha dos produtos culturais em circulação no mercado, sem se preocupar em penetrar ou aprofundar os valores estéticos e culturais contidos nas atividades artísticas em apreciação, configura-se em uma atividade destinada a ajudar nas opções oferecidas pela Indústria Cultural.

A resenha literária recomenda determinado livro que está na moda, já devidamente adaptado aos interesses de consumo.

Apesar disso, o aspecto mercadológico desta atividade jornalística não invalida o valor cultural das obras de arte em apreciação que fogem do mero teor comercial, constituindo-se em obra de arte autêntica, como livros de autores preocupados em dimensionar o processo histórico e sua repercussão na sociedade.

Muitos creditam a exposição de determinados produtos culturais a uma imposição editorial que estaria vinculada a publicidade, objetivando a indução do consumo de determinados valores artísticos em detrimento de outros. Mas a verdade é que o caráter empresarial da arte sempre existiu, desde a produção

artística do período feudal, quando os artistas eram financiados pela nobreza, até os dias atuais, em que existe o aparato tecnológico-industrial. Nos dois casos, a arte foi imposta à massa social, afastada do processo de produção dos bens artísticos. Hoje, a arte não entra no cotidiano dos indivíduos sem antes passar pelo aparato tecnológico-industrial. Nos dois casos a arte foi imposta à massa social, afastada do processo de produção dos bens artísticos. Hoje, a arte não entra no cotidiano dos indivíduos sem antes passar pelo aparatotecnico-industrial e de marketing, tendo o jornal, através da resenha, um de seus suportes divulgadores.

Apesar desta dimensão mercadológica, a arte em apreciação nas resenhas revela valores importantes para a cultura, assim como coloca no devido lugar outros que não têm o mesmo nível cultural e artístico. Em ambos os casos, é preciso verificar a autenticidade e a credibilidade do autor da resenha, tendo o cuidado em não se deixar levar por sua opinião. E este é um dos perigos da resenha jornalística: o poder concentrado nas mãos dos resenhadores, cultuados pelos consumidores como a última palavra em atividades artísticas.

Segundo Melo, a imagem de crítico que impera é a do jornalista que se improvisa e se converte em juiz da produção cultural, ou então aqueles frustrados que não obtiveram sucesso junto a determinada área artística e de põe a criticar, através dos meios de comunicação, os que tiveram êxito.

"Uma característica importante desse setor do jornalismo cultural é a concentração de poder que conseguem os críticos, tornando-se verdadeiros árbitros. São capazes de glorificar ou destruir. Suas mensagens oscilam entre o elogio e a verrina". (Mello, 1987: 103).

Além dessas, ainda existe a visão dos resenhadores comprometidos publicitariamente com as empresas produtoras de bens artísticos. Tais empresas, ao pagar para ser veiculado no jornal um produto seu, seria beneficiado com uma resenha elogiosa. Do contrário, se não houvesse este vínculo de propaganda, o resenhador faria um comentário indiferente ou negativo. Neste último caso, apesar de uma referência negativa, a publicidade positiva estaria assegurada, pois existe uma visão de que quanto mais criticado, mais o produto é procurado e consumido.

Como é o caso de algumas obras literárias, hoje, que se orientam segundo os padrões de difusão e produção televisiva ou cinematográficas.

Por isso, é comum encontrarmos obras literárias que privilegiam as formas simplificadas de condução de enredo, presente no desenrolar de estórias de ação, romances, intrigas, crimes. "Best-Sellers", livros da moda e últimos lançamentos que são rechaçados pelas resenhas das páginas especializadas de jornais e revistas e, no entanto, são verdadeiros campeões de vendas. Não importa a opinião, as vendas só tendem a crescer. A verdade é que não são resenhas que moldam o gosto literário de nenhum consumidor. Assumindo ou não serem meros porta-vozes de editoras, os resenhadores não modificam um quadro de desníveis culturais gerado pelas diferenças sociais.

No contexto das diferenças sociais, o público consumidor de livros encontra-se numa faixa da estratificação cultural bastante restrita, já que o acesso a cultura e educação é privilégio de poucos. Fica implícita, na tentativa totalizante do jornal em chegar a todos, a exclusão dos que não têm acesso à educação, à cultura. O público que procura as resenhas, é a elite intelectualizada e os poucos letrados entre aqueles que se interessam pela leitura seja do que for. A resenha, ao nivelar, exclui. Ao pretender mostrar cultura, conhecimento, aliena e deixa a salvo as relações de dominação.

E a página "Livros" insere-se dentro de um contexto editorial do jornal, no tocante aos padrões capitalistas que rege o processo de produção jornalística, em que a venda da informação, do novo, do transitório, domina todo o sistema. E o livro, como qualquer outra informação, desde o fato social econômico, político, até os chamados bens artísticos, que inclui a literatura, a música, o teatro, a televisão, etc, fazem parte do processo que leva o leitor às opções de consumo.

A reificação gerada na sociedade capitalista, onde tudo se transforma em "coisa" transável por dinheiro, atua no contexto jornalístico de forma acentuada no que diz respeito às artes. No contexto da sociedade capitalista, a arte só pôde encontrar espaço nas áreas de divulgação na forma de produto consumível. O objeto

livro, por exemplo, desvincula-se de um todo chamado Literatura, para ser transformado em um produto cultural avaliado pelo número de vendas que conseguiu obter no mercado editorial.

Seguindo este raciocínio, a página “Livros” não poderia fugir a um todo social que limita o interesse literário do leitor ao interesse de vender determinado livro lançado no mercado. Toda a página dedicada a resenha literária do DN encaminha-se para a orientação consumista, expondo sempre o produto livro dentro do conceito de novo e transitório, traduzido pelo termo “lançamento”. A página, no entanto, está coerente com as regras do jogo capitalista, no qual não se pode ter acesso a informação, leitura, sem ter que se pagar por isso. A venda de livros é o que se poderia chamar de vitrine cultural, mas uma vitrine necessária, cuja procura é determinada pelo poder da divulgação. E a divulgação publicada semanalmente num jornal pode significar mais do que venda em potencial, pode atrair pessoas a redutos considerados reservados apenas a intelectuais: as bibliotecas e livrarias.

CAPÍTULO - III

3. PÁGINA "LIVROS": UMA PROPOSTA DE INFORMAÇÃO LITERÁRIA:

Para se fazer uma análise da página "Livros", é necessário se fazer uma descrição detalhada desde a concepção da página, passando pelos critérios de seleção dos livros apresentados, até chegar ao leitor/consumidor.

A página faz parte de um projeto para o caderno de variedades do Diário do Nordeste, intitulado "Caderno 3", cujo idealizador foi o editor do caderno, Anderson Sands. A página "Livros" foi entregue ao professor de Literatura Carlos Augusto Viana. A página surgiu da necessidade de suprir a lacuna deixada pelo "DN Cultura", suplemento literário editado pelo jornalista Luís Sérgio Santos, que visava abranger o mais possível a produção literária local e nacional. Com o fim do suplemento, o universo literário não deixou de figurar no DN, aparecendo uma vez ou outra matérias sobre algum lançamento relevante. Por outro lado o jornal precisava de um espaço mais regular, semanal, que conciliasse literatura com mercado editorial, com linguagem e conteúdo que atraísse o máximo de leitores para a página e, conseqüentemente, para o jornal, e assim conseguisse se manter.

Assim, segundo afirmação do próprio editor do Caderno 3, Anderson Sands (1994), desde seu lançamento, em abril de 93, a página tem conseguido alcançar aceitação do público/leitor, fato observado pelo número de telefonemas que o jornal recebe de pessoas que procuram orientação e informações suplementares do livro que foi lançado.

E isso se deve ao fato da própria natureza da produção jornalística, que visa abranger o máximo de público possível, através da variedade de assuntos para todos os interesses. No que diz respeito a página "Livros", esta abrangência de público começa pelo critério de seleção dos produtos em exposição, os livros.

A estrutura formal da página "Livros", do jornal Diário do Nordeste, é determinada por vários fatores que interferem em sua composição, desde a utilização das fontes, que fornecem o material que será utilizado para seleção e análise aos problemas enfrentados pelo resenhador (falta de tempo, de apoio do jornal), até chegar ao leitor, baseando-se nas diversas opções literárias de cada um.

Outro aspecto importante que interfere no conteúdo da página diz respeito à estrutura social em que o jornal está inserido, dificultando o que seria a qualidade maior de sua produção de resenhas, que é o despertar de uma leitura voltada para dois ângulos: o intelecto e o consumo.

Todas essas questões serão analisadas no decorrer do capítulo. Tomaremos por base os elementos que compõem a estrutura da página e análises de entrevistas com professores e jornalistas. Estes recursos metodológicos ajudaram numa compreensão maior das razões que levam à concretização do conteúdo da página Livros. Dentre as entrevistas realizadas, destaquei para as opiniões do jornalista Italo Gurgel e o professor Teoberto Landim (de Mestrado em Literatura) e jornalista José Anderson Sands, editor do Caderno 3 do Diário do Nordeste, setor do jornal em que está inserida a página "Livros", além do próprio resenhador da página, professor Carlos Augusto Viana.

3.1 As Fontes e controle ideológico da informação.

A fonte da informação tem implicações decisivas na estruturação do conteúdo noticioso de um jornal, determinando a posição da empresa na exposição dos assuntos que são cuidadosamente escolhidos para integrarem sua publicação.

A materialização da categoria opinativa, tomando por base o item resenha, que é o objeto de estudo deste trabalho, também está na filtragem pela qual sofre no processo de difusão. O processo de filtro das mensagens captadas e de sua disposição no conjunto do espaço do jornal, é estruturada com base nas fontes que colaboram com a página de livros do jornal.

jornalística A compreensão do funcionamento da engrenagem jornalística, permite demonstrar que a direção ideológica flui desfocadamente (do ponto de vista da sua percepção pelo grande público), mas por outro lado deixa entrever que o controle do sentido jornalístico está também atravessado pelas contradições que marcam a fisionomia das empresas jornalísticas brasileiras, onde as relações capitalistas de produção nutrem um conflito latente entre os jornalistas assalariados e seus empregadores e respectivos mediadores (editores-gerentes).

Neste sentido, a fonte atua de maneira decisiva no controle de informação do jornal, cujo aproveitamento condiz com a linha editorial da empresa que a utiliza.

José Marques de Melo relaciona três tipos de fontes que se utiliza o jornal como mecanismo de filtragem no processo de seleção das mensagens impressas, que vão ser publicadas. Segundo ele, as instituições jornalísticas recorrem a três tipos de fontes: próprias, contratadas e voluntárias.

As fontes próprias correspondem ao serviço noticioso mantidos pela empresa: correspondentes, sucursais, reportagem local. Quando maior a autonomia das fontes internas do jornal, mais controle a empresa vai dispor no processo de seleção. Do contrário, quanto menor a amplitude das fontes próprias, maior a dependência das fontes externas e maior a possibilidade de ter sua linha editorial "manipulada" por núcleos de interesse que atuam como grupos de pressão social.

As fontes contratadas são agências informativas especializadas na cobertura de fatos nacionais e internacionais. Tais agências são "focos de poder político", na visão de Melo, pois controlam a publicação ou não de mensagem jornalística.

As fontes voluntárias funcionam a partir dos serviços de relações públicas ou das assessorias de imprensa, montadas por empresas estatais, corporações privadas, órgãos governamentais e até mesmo pelos movimentos sociais. Todas atuam para conseguir publicação de fatos de seu interesse.

Através de releases, e outros meios de apresentação do que se deseja publicar, tais empresas objetivam, como afirma Melo, "direcionar a ótica das instituições

jornalísticas", fazendo com que se forje uma imagem pública do produto ou personagem a ser divulgado. Essa imagem ganhará proporção na medida em que a publicação for contínua.

A decisão de recorrer a qual dessas fontes depende da política editorial do jornal, que por sua vez encontra-se fortemente ligada às operações comerciais das empresas.

No caso do Diário do Nordeste, como toda empresa jornalística, o aspecto comercial é dado que precisa ser levado em consideração pois funciona como base de sustentação da empresa. Para algumas páginas que mantêm assinatura exclusiva (Colunista, resenhadores), os responsáveis pelo espaço têm percentagem sobre os dividendos arrecadados da publicidade da página.

No que diz respeito à página " Livros " do Diário do Nordeste, mantida todas as quartas-feiras no caderno 3, a publicidade começa pela própria estrutura da página, que reduz a arte literária a um objeto de consumo. Revelada através do uso das fontes voluntárias (editoras que enviam material), a publicidade (que se pode considerar implícita), não mantém acordo financeiro. A propaganda existe por meio de acordo tácito, sem contratos, sem imposição da editora. A editora fornece o material (livro), que é utilizado pelo resenhador. A inclusão do livro condiz com a política editorial do jornal. Apesar da posição crítica do resenhador em relação às fontes voluntárias, ao fazer comentários desfavoráveis a determinadas obras, ele não pode deixar de incluí-las na página por um motivo: existe um público consumidor para tal obra, e o jornal está interessado em atrair público, dos gostos mais variados.

Isso significa que o resenhador se encontra preso a uma política editorial que não está interessada em qualidade, mas em quantidade (de leitores). Depois porque, implicitamente, não deixa de ser uma publicidade para a editora que envia o livro, ainda que seja um comentário negativo.

Entretanto, mesmo inserido na estrutura mercadológica do jornal, o resenhador procura realizar um trabalho de pesquisa.

colunas sociais "Eu trabalho basicamente sozinho, mas tenho pessoas que me sugerem livros. Eu pego, leio e se achar que vale a pena, incluo na página. As editoras enviam material, mas costumo ir às livrarias saber se tem alguma coisa boa. Agora, sai mais a Record (editora), porque além de ser a editora que mais envia material, a gente recebe telefonemas pedindo para falar dos autores que escrevem para estas editoras (Sidney Sheldon, por exemplo) ". (Carlos Augusto Viana, 1994).

Como se pode ver, por mais que o resenhador tente, ele tem a liberdade limitada para escolher os livros que comenta. Isto pode ser explicado pelo fato do resenhador se situar dentro de uma estrutura (social, econômica, política) que o impede de ir além das críticas (por sinal justas) dos livros em questão. Ele não pode fugir à realidade da política editorial do jornal em que trabalha, que por sua vez está inserida dentro de uma estrutura social cuja preocupação primordial não é o interesse pela cultura e educação, mas a subordinação dos indivíduos ao sistema econômico e social de exploração em que se encontram.

Neste contexto, as fontes (sejam elas voluntárias ou próprias) atuam de maneira decisiva na composição da página, determinando seu conteúdo de acordo com a política editorial do jornal. As fontes voluntárias acabam tendo um peso maior, principalmente quando tem a aceitação de um número muito grande de leitores.

3.2 Um projeto de informação literária.

A página que se dedica às indicações de leitura, no Diário do Nordeste, faz parte de um projeto para o caderno de variedades do jornal, intitulado "caderno 3", idealizado por seu diretor, Anderson Sands. É o setor do jornal que cobre, através de pequenas matérias e reportagens, o que acontece em termos de produção e eventos culturais e artísticos. É lá que se concentra também as crônicas sociais, o roteiro de programação televisiva e de cinema.

A estrutura do caderno é constituída de 8 páginas tamanho normal de jornal. A primeira contém a matéria mais importante. Nas páginas seguintes estão as

colunas sociais, algumas tiras de quadrinhos, horóscopo e programação da televisão e do cinema. Estas páginas são veiculadas diariamente. O restante das páginas aparecem uma vez por semana, mostrando diversos assuntos, como Ciências e Tecnologia, Saúde, matérias sobre assuntos de interesse, Literatura, Música, Cinema e Vídeo. Todos estes assuntos estão distribuídos durante a semana, sendo a quarta-feira dedicada a página "Livros".

A forma de apresentação da literatura, através de resenhas, segue, nesta página, a descrição de alguns autores quando se referem às resenhas literárias de jornal: não apresentam a literatura, mas o livro como objeto de consumo. Sua estrutura divide-se em duas partes: a primeira, trata de um livro em particular, um comentário sobre seu desenvolvimento e autor. Ao lado da resenha, um trecho de determinada página do livro, geralmente seu ponto alto. Na segunda metade da página, figuram opções e sugestões de leitura de vários livros, dispostos em colunas e separados por categorias de acordo com o assunto que abordam, acompanhados de breve comentário sobre seu conteúdo. Faz parte ainda, um quadro onde consta uma relação de livros mais vendidos, entre ficção e não ficção, com base em fonte de livrarias locais. E finalmente, na parte lateral desta segunda metade, há uma pequena coluna intitulada "Caderno 3 indica", em que aparece um comentário sobre algum livro que o caderno destaca como sugestão de leitura.

Todo o conteúdo da página é uma tentativa de informar o leitor o que oferece a Indústria Editorial em termos de opção de livros.

Na verdade, a página "Livros" surgiu com a necessidade de se cobrir, com mais regularidade, o assunto literatura. Isto havia acontecido com a introdução do "DN Cultura", editado pelo jornalista Luís Sérgio Santos, no início do surgimento do jornal Diário do Nordeste, em 1983. Com o fim do caderno, em 1986, a literatura continuava a ter seu espaço no jornal, com a publicação de lançamentos eventuais de livros, em forma de matéria. Com a introdução do novo projeto, que teve início em abril de 1993, a literatura encontrou um espaço definitivo no jornal, sendo exposta de forma a abranger um maior número possível de leitores

para que pudesse se manter dentro do jornal.

Sua estrutura faz parte de uma imposição de mercado que se chama "público", mais preocupado com a exposição objetiva de onde encontrar livros adequados a seu gosto literário, do que com uma linguagem crítica com base em teorias que ele nunca viu.

3.3. A seleção de livros: o mais importante é o público.

A seleção de livros que vão ser apresentados é feita através de um filtramento de sugestões enviadas pelas editoras, sendo a que mais se preocupa com o envio de material para divulgação é a editora Record. Segundo Anderson Sands, o problema de divulgação é determinado pela atual conjuntura que o jornal enfrenta.

"Antes da crise, da recessão braba, nós recebíamos material de outras editoras. Como por exemplo, a editora Companhia das Letras, que edita livros, vamos dizer, para um público mais formador de opiniões, e que atualmente não manda material. Então isso é muito problemático. Então, está saindo muito mais no jornal livros da Record. Isso na atual conjuntura. Eu acho que em todo o Brasil, nessa atual conjuntura, a Record ocupa mais espaço do que as editoras que não enviam material". (Anderson, 1994)

Porém, se de um lado a indústria editorial mobiliza o tipo de material que é veiculado pelo jornal, e se existe um público leitor para cada tipo de produto literário, cumpriria ao resenhador escolher o material a ser veiculado. Caso fosse imperioso a publicação de resenha sobre determinado livro que ficasse caracterizado como inexpressivo, seria necessário uma crítica mais contundente encima do produto veiculado, sem, no entanto, direcionar o leitor para o que ele deve consumir ou não, sem deixá-lo decidir por si mesmo. A título de ilustração, tomarei como exemplo resenha que focaliza a obra "A IMAGEM E SEMELHANÇA", de Sandra Brown, a partir de seu trecho de abertura:

Em "A Imagem e Semelhança", Sandra Brow constroi uma narrativa comum, simplória, que não consegue se distinguir de tantas outra a

engrossar a fileira dos best-sellers. Sua ficção, principalmente quanto ao aspecto estilístico, não convence a ninguém. Mas, mais vale um gosto..." (edição de 12 de outubro de 1994 do Diário do Nordeste).

Aqui, como se pode observar pela própria estrutura de análise da obra, logo no trecho de abertura, trata-se de um livro que não deveria constar na matéria principal da página dedicada à resenha literária. Fica clara a imposição deste livro como objeto de análise, que deveria ter se voltado para uma obra mais expressiva, que proporcionasse ao leitor momentos que conciliasse lazer e reflexão, que acrescentasse algo mais a sua vida interior, intelectual.

Mais adiante, no decorrer da análise do livro, o resenhador Carlos Augusto Viana posiciona-se da seguinte forma:

"O enredo, como se vê, nada fica a dever às fotonovelas dos antigos baús, que especial no que diz respeito a drama oscilar entre o patético e o grotesco da criação. A autora (ex-modelo , ex-atriz e ex-personalidade de televisão) não mediu esforços no sentido de estruturar o livro com um pouco do que constitui lugar-comum nesta literatura fast-food: político, paixão, crime, sexo, luta pelo poder, jogo de interesses, amor, ódio, dissimulação... (Diário do Nordeste, 1994).

Ao qualificar a obra como "literatura fast-food", contendo uma "narrativa pobre", que só consegue proporcionar ao leitor passagens que estão entre o "ridículo e o inexpressivo", Carlos Augusto Viana acaba por suscitar uma pequena curiosidade: por que tal livro figura neste espaço, se se trata de um "livro desnecessário?". A resposta vem um pequeno trecho da análise, quando o resenhador afirma que o número de pessoas que o consome, "deve ser milhares". A par de outras considerações, este parece ser um fator preponderante, uma vez, que, como já foi dito, o jornal deve atender a uma parcela multifacetada de leitores. (ou consumidores). Neste caso a democratização de conhecimento e informação aparece de forma distorcida. O resenhador não contextualiza o leitor deste tipo de leitura descartável dentro de uma sociedade que não valoriza a cultura, nem dá condições a este leitor de buscar leituras de mais qualidade. Ao analisar uma obra inexpressiva,

como "Á Imagem e Semelhança", livro enviado ao jornal pela Editora Record, apesar do resenhador apresentá-la como uma obra sem méritos para um público tão vasto, ele não aprofunda a análise, limitando-se a expor o leitor como mais um entre milhares que se interessam por este tipo de leitura.

Um outro exemplo de livro enviado pela Editora Record, que parece se sustentar de best-sellers, não poderia ficar de fora. Trata-se de um dos maiores autores do gênero: Sidney Sheldon. A obra enfocada tem como título "Nada Dura Para Sempre", e a resenha apresenta-se deste modo:

"Em 'Nada Dura Para Sempre', Sidney Sheldon utiliza-se dos mesmos recursos que o tornaram o mais bem-sucedido autor de best-sellers: sexo, drogas, dinheiro, luta pelo poder, amor, ódio, violência, crimes- tudo entrelaçado a uma trama cujo suspense é o elemento organizador das ações. Daí por que "Nada Dura Para Sempre", por certo, há de repetir o sucesso de público obtido por outros romances de sua autoria, tais como "Um Capricho dos Deuses", "A Herdeira", "A Ira dos Anjos", "O Outro Lado da Meia-Noite", entre outros. Mas nem tudo que reluz é ouro".(Diário do Nordeste, Caderno 3, edição de outubro de 1994)".

Como se pode ver, a obra "Nada Dura Para Sempre" de Sidney Sheldon, pela própria estrutura de análise apresentada pela resenha, obedece ao esquema dos livros best-sellers, de consumo fácil para um público vasto que não está muito interessado em profundidades psicológicas de acontecimentos e personagens. Sua escolha como objeto de análise pode ser atribuída ao fato de ter sido enviado pela fonte (editora Record), número de público ou falta de opções, ou todos reunidos. De qualquer forma, sendo a página "Livros" de caráter eclético, o número de público deve ser levado em consideração, obedecendo, assim, a natureza da oferta do caráter mercadológico da empresa jornalística.

É um exemplo que serve para mostrar que tipo de leitores constituem as faixas estatísticas que caracterizam o já restrito número de leitores no Estado e no país. O sucesso de público numa Bienal Internacional de Livros, por exemplo, que

poderia representar o interesse dos leitores pelo hábito da leitura, cede lugar a uma grande decepção quando se constata que o tipo de livro mais vendido foi justamente o "best-seller", que arregimenta milhares de consumidores. Um exemplo é o livro "Folhas da Fortuna", de Linda Barlow, um dos que foram lançados na 13ª Bienal Internacional do Livro, conquistando muitos apreciadores. Este livro foi escolhido para ser analisado na resenha da edição de 21 de setembro de 1994 do Diário do Nordeste:

"Em 'Folhas da Fortuna'- uma narrativa que envolve dois séculos - Linda Barlow traça o perfil econômico de uma dinastia, a da família Templeton, sempre sob a égide de mulheres, responsável pelo plantio do chá em solo Americano. Um jogo de ambição, rivalidade, amor, ódio e poder. Lançado recentemente pela Editora Record na 13ª Bienal do Livro, recebe um tratamento que à primeira vista, já transforma o livro num desejável produto de consumo. Mas a capa, esteticamente muito bem trabalhada, não entra em harmonia com o conteúdo, que, não obstante, a partir de um motivo atraente, não foi desenvolvido a contento pela autora na condução da história, evidentemente, a autora não deixa de se servir do que é comum ao gênero: sexo, luta pelo poder, ambição, inveja, amor, rivalidade e ódio.

Nos dois exemplos (Sidney Sheldon e Linda Barlow), Carlos Augusto Viana faz um comentário pertinente ao significado dos livros enquanto "obras literárias". Tais livros são caracterizados como objetos de consumo, e só, desprovidos de um conteúdo mais profundo. É neste momento que o resenhador coloca os objetivos reais de um comentário de análise de uma obra literária. Apesar da imposição das editoras e do número vasto de leitores, este tipo de obra serve de contraponto para o tipo de conteúdo que se espera de uma grande obra. No trecho da análise de "Nada Dura Para Sempre", de Sidney Sheldon, em que Carlos Augusto diz:

"a atmosfera ficcional, considerados os elementos anterior-mente fixados, nada nos tem a oferecer. Adeus às profundidades na análise do caráter

humano. Para que uma investigação mais acirrada acerca da condição humana no que ela tem de perene"; ou quando se refere ao livro de Linda Barlow, "Folhas da Fortuna": "Suas personagens, embora tivessem força para isso, não se inscrevem como grandes tipos. Em seu perfil, existe a ausência do abissal, do que é perene quanto a uma profunda investigação do humano". o resenhador, sem tentar impor uma obra descartável apenas por ter sido enviada pela fonte que colabora com o jornal, tenta demonstrar independência na composição da página. Ao analisar estes tipos de livros, mostrando por são "livros desnecessários", Carlos Augusto Viana coloca o que significa uma obra de mérito, o que uma obra busca enquanto objeto de investigação da alma humana e que espécie de comunicação uma obra de nível tem com o leitor, na tentativa de compreensão do mundo e dos indivíduos. Infelizmente, o renhador não consegue ir além disso. Não consegue fugir às imposições editoriais, não consegue ser independente na escolha dos livros que analisa. Ao fazer este tipo de análise, o resenhador está contribuindo para uma melhor compreensão do que significa o hábito da leitura, não apenas uma forma de lazer descartável, mas uma forma de entrar em contato com universo misterioso e inusitado do ser, sem se valer a análise de teorias complicadas e linguagem que fujam ao entendimento do leitor. No entanto, na página inexiste uma análise mais profunda, que situe a obra num contexto social e histórico, que explique a procura tão desenfreada de obras tão sem expressão, como no caso de livros como os de Sidney Sheldon ou outro produto cultural descartável. A página não ajuda esta legião de leitores de obras inexpressivas a uma procura por outros universos literários mais consistentes. Mesmo porque a página "Livros" é apenas um elemento no conjunto fragmentário da Indústria Cultural.

É preciso ressaltar que tais leitores fazem parte de um sociedade que não se preocupa com o aspecto cultural/educacional de sua população. As condições sociais e econômicas brasileiras atuais não colaboram para o desenvolvimento intelectual do contingente populacional que se distribui entre milhões de

analfabetos, semiletrados, outros que tentam escapar do cotidiano miserável e sem perspectivas em que vivem, e intelectuais esclarecidos. O resenhador está preso a esta realidade que permeia a página, reforçada pela política editorial do jornal.

3.4. Tempo: O grande inimigo.

Além do público leitor e da mobilização da indústria editorial, um outro fator determina o perfil da resenha do Diário do Nordeste, caracterizado pelo critério de seleção de livros: é o fator tempo, este grande inimigo dos jornalistas e resenhadores. Aqui, o tempo tem importância fundamental, uma vez que, sendo veiculada uma vez por semana, fica difícil para o resenhador ler dezenas de livros em somente sete dias, principalmente quando se sabe que o responsável pela página não vive apenas do que ganha no jornal, exercendo outras atividades (Carlos Augusto é professor: de Literatura e atualmente está terminando tese de Mestrado na mesma área). A falta de tempo determina, em parte, o critério de escolha dos livros expostos na página do Diário do Nordeste. O ideal seria haver uma pessoa só para fazer isso, durante um mês, durante uma semana, que lesse os livros, um trabalho, claro, que não é fácil. Como é o caso de jornais como o Jornal do Brasil, que mantém um caderno inteiro dedicado a resenhas literárias, constituindo-se no mais completo painel do que se faz em termos de literatura brasileira. É preciso salientar que existe toda uma estrutura de apoio que permite a realização de um bom trabalho de um trabalho de informação sobre literatura, começando pelo fato do Jornal do Brasil contratar especialistas que fazem um laborioso estudo crítico da obra em exposição. No Diário do Nordeste, não há este tipo de apoio.

“A página de resenhas do Diário do Nordeste não é o que se poderia chamar de ideal no sentido de se fazer um trabalho realmente completo. O apoio que o jornal dá é apenas uma página fixa. Se você reparar bem, já ter uma página fixa sobre literatura é uma grande coisa. Mas quando se trata de

fornecimento de material, tempo para procurar material, ler, analisar, aí se complica. Porque o que o jornal me paga para fazer este trabalho não dá para me sustentar. Então tenho de me virar para fazer outras coisas. O tempo é realmente curto. (Carlos Augusto Viana, 1994).

A seleção obedece a um esquema em que a escolha do livro fica a mercê do que é mandado pela Editora que mais manda material, no caso a Record, ficando outras editoras, como a Companhia das Letras ou a Civilização Brasileira, com o aparecimento limitado ao interesse do resenhador.

"Às vezes, eu mesmo vou às livrarias e compro livros que acredito ser interessante para se fazer um comentário, analisar no jornal. Quem deveria dar condições de fornecer material era o jornal (Carlos Augusto Viana, 1995).

A falta de tempo e a falta de estrutura, de apoio, tanto por parte das editoras, como por parte do próprio jornal, levando o resenhador e o próprio editor do Caderno 3 a buscar o material que desejam publicar determinam, em parte a estrutura da página.

"Eu acharia correto o jornal pagar o profissional para fazer só isso e comprar a publicação indicada pelo profissional responsável pela resenha. Isto seria o ideal, mas não é o que acontece". (Anderson, 1994).

Mas, apesar de todas os problemas atravessados por uma página procura informar o que existe em termos de mercado editorial, não se pode negar de que se trata de uma iniciativa louvável, uma vez que a atuação social dos jornalistas, mesmo sob condições limitadas, proporcionada pelas estruturas do jornal, demonstra a preocupação dos profissionais em questionar os conteúdos difundidos pela Indústria Cultural. Esta mesma Indústria que procura vender obras de arte com características de mercadoria e teores ideológicas massificadores e alienantes, não consegue ditar a ação crítica de artistas, escritores e profissionais que procuram nas pequenas brechas ultrapassar os limites oferecidos por essa indústria da cultura.

A Indústria Cultural, como disseram os teóricos de Frankfurt, pode ter transformado o nobre estimulador de consciência crítica por excelência, ou seja, o livro, em simples objeto de consumo, produzido em série através do

desenvolvimento tecnológico cada vez mais crescente. No entanto, nos tempos atuais, quando o aperfeiçoamento da técnica se torna cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, não inventaram nada mais incentivador do conhecimento humano, ou nada que caracterizasse mais a cultura e civilização de um povo do que o relato contido nas páginas de um livro.

Um objeto de consumo que ironicamente, uase só uma elite intelectualizada tem acesso, como na época anterior a ascensão da burguesia. A diferença é que existe uma variedade de opções para todos os gostos, e que são devidamente mostradas para quem quiser ver, e escolher. E a página Livros ainda tem o mérito de tentar incentivar a leitura numa região do Brasil que prima pela falta de formação e informação. Onde o descaso com a Cultura é superior aos lugares mais ricos do Brasil, onde existe um número imenso de evasões escolares, analfabetos e todos os entraves possíveis e imagináveis para um desenvolvimento da leitura, da informação, da erradicação da ignorância.

"É um projeto ousado: uma página de livros em pleno nordeste. É um projeto que está tendo retorno. Às vezes recebemos livros antes de chegar às livrarias. E os leitores ligam, pedem informações suplementares. Então é um projeto ou dado, é uma página semanal de resenhas. Não é uma página crítica, mas é uma página que divulga tanto livros de ficção como de não ficção".

3.5. Mercado leitor: a descoberta do universo literário.

A despeito dos objetos de vender, amparado pelo interesse comercial da indústria editorial, que mobiliza o material de divulgação, algumas pessoas acreditam que o importante da página é que ela desperta a curiosidade do leitor. Apesar da página " Livros " não ter compromissos de aprimorar o gosto literário do público, cada vez mais distanciado da leitura, e localizado na estrutura consumista e ideológica do capitalismo, podemos perceber que a página procura questionar o papel que a literatura deveria desempenhar na imprensa dentro da sociedade capitalista.

"Tudo que incentive o povo a ler, é válido. Há um momento que o importante é ler. Há um momento seguinte que o importante é ler o que de melhor existe. Faz parte de uma evolução individual e quem sabe de uma evolução social. De repente o mercado consumidor no Brasil começa a consumir mais livros, daqui a pouco está escolhendo melhor". (Italo Gurgel, 1994)

Esta maneira otimista de esperar por uma inversão de mercado, não parece encontrar eco na realidade apresentada pela página, principalmente quando se observa o quadro de livros mais vendidos que faz parte de sua composição, e que representa uma mostragem do tipo de livros que está sendo lido, pelo menos em Fortaleza, mesmo quando se toma por base de pesquisa 1 ou duas livrarias, um universo relativamente reduzido para se fazer uma avaliação mais detalhada do que é mais lido. Mas tomando o quadro, no período de 14 de abril de 93 até os dias atuais, podemos constatar que sempre está no topo livros que não primam pela qualidade estética, cultural, cuja linguagem não tem preocupação com o raciocínio, a investigação, a estrutura bem elaborada.

A inversão deste quadro só seria possível mediante uma transformação estrutural da sociedade, que incentivasse o indivíduo ao hábito da leitura desde tenra idade, no início da escolaridade, até chegar a universidade. Isto, certamente, não ocorre a curto prazo. Num país, como o Brasil, onde existem 30 milhões de analfabetos e mais 35 milhões que só sabem escrever o nome, sobram 35 milhões de letrados, dos quais se tiram pouquíssimos leitores. Uma estrutura econômica e social que permitisse o ingresso de um maior número possível de pessoas na escola, que oferecesse melhora na qualidade de vida do indivíduo, possibilitaria uma melhor seleção no objeto de leitura. Com o nível de vida apresentado pela maioria dos brasileiros, o livro passa a ser procurado como forma de esquecer o duro cotidiano de trabalho, da falta de dinheiro, de diversão. Neste contexto, o tipo de livro mais procurado é aquele que não ofereça preocupação para entendimento, uma compreensão dos fatos que acontecem, que desliguem o leitor da realidade que o cerca, um mero passatempo reproduzido pela Indústria Cultural, que devido a vigência de um sistema social de exploração e alienação, irá sempre ter seguidores e

adeptos.

"É o caso do fenômeno que acontece hoje no Brasil que se chama Paulo Coelho, que utiliza o tema do esoterismo, da procura de resoluções dos problemas existenciais, sofrimento, dor, através do esoterismo, do misticismo. E o Paulo Coelho é um dos que vendem mais atualmente. Por que? Porque a situação do ser humano é tão desenganososa, sem esperança, de tudo, que procura no misticismo, no sobrenatural, uma outra perspectiva, uma saída, uma solução para seus problemas. Então Paulo Coelho vende muito porque, além disso, ele tem uma linguagem que seduz o leitor. Então é um tipo de leitura. Agora, essa leitura também é moda. Essas leituras podem cansar, mas vão ter sempre leitores" (Teoberto Landim, 1994)

Mas se a Indústria Cultural impõe livros que não oferecem muito em termos de leitura que leve a uma reflexão, autores que seguem uma direção contrária, que sempre expõem obras relevantes, vão ficar sempre mais prestigiados. Autores como Gabriel Garcia Marques, Patativa do Assaré, tem obra com importante significado na literatura mundial, e também são abordados na páginas "Livros". Esta conciliação de interesses, que alterna obras inexpressivas e livros de valor cultural relevante, no entanto, não chega a mudar a estrutura da página de resenhas, comprometida que está com os interesses de mercado. Apesar de expor livros excelentes, estes não se elevam como obra de arte, mas como mercadoria, pois o que prevalece nesta análise profunda é a essência da estrutura mercadológica da imprensa hoje.

É o caso do livro "O Retorno da Aura", de Luís Augusto Cassas, que foi objeto de análise de resenha da página " Livros ", do Diário do Nordeste , na edição de 29 de setembro de 1994, constituindo-se num momento de exposição de uma obra que valoriza os aspectos mais essenciais da alma humana.

"Em "O Retorno da Aura", Luís Augusto Cassas, com fortes marcas simbolísticas, reúne poemas que, em síntese, procuram uma investigação do ser, uma perfeita harmonia entre forma e conteúdo, seus poemas são, antes de tudo, o império da linguagem.

O Retorno da Aura, de Luís Augusto Cassas, Editora Nórdica, (134 pag.), reúne poemas que a partir de uma investigação nos subterrâneos do ser alicerçada em ensinamentos orientais tais como: o sufismo e o taoísmo, assim como também em fontes ocidentais, em especial a psicanálise, antes de tudo, procuram a poesia como um caminho para adescoberta de si mesmo.

Como se pode ver, por este exemplo, a página " Livros " alterna obras inexpressivas com momentos de brilhantismo em termos de revelações literárias, proporcionando aos leitores mais variadas opções de leitura para todos os gostos. Mas não consegue fugir a estrutura em que está alicerçada a página. De um lado, o ideal capitalista de transformar tudo em lucro, em mercadoria, transformando a arte em objeto de consumo. De outro, uma sociedade que nega aos indivíduos um sistema de educação digno, que valorize a cultura. Uma sociedade cujo sistema econômico, político e social não dá condições às pessoas de se desenvolverem como sujeito de sua própria história. Por outro lado, uma preocupação estática dos profissionais em trabalhar a qualidade das obras literárias. Entre estas duas preocupações vimos a necessidade de inserir a preocupação com o tratamento social que a literatura pode dar às temáticas contemporâneas. Afinal de contas a literatura situa-se entre o intimismo (o eu do leitor) e as problemáticas da sociedade que retratam o caráter cultural e histórico da humanidade retratando sua atuação social.

3.6. Literatura: um assunto para todos os dias.

Outro dado interessante na página é sua inserção no meio da semana. Isto considerando que os aspectos temporal / espacial exerce influência fundamental na escolha de matérias, assuntos. Geralmente os assuntos de caráter cultural e artístico, principalmente em se tratando de crítica, de análise, figuram em dias que oferecem tempo de leitura mais despreocupada, como num sábado e domingo. Na verdade, no Caderno 3 do Diário do Nordeste existe uma página intitulada

"Literatura" e que é justamente veiculada num domingo. Trata-se de uma página dedicada a personalidades de destaque que fizeram a história da literatura nacional e internacional, sendo focalizada toda semana um autor consagrado, sua biografia e bibliografia. É o tipo de leitura de jornal que o leitor/consumidor pode entregar-se a leitura sem preocupação de tempo, de trabalho e outras tensões.

A página "Livros", apesar de tratar de um assunto destinado a diversão, sugere em sua estrutura dissertativa, algo mais que simples divertimento: oferece informação ao leitor, com tratamento de notícia relevante, como acontece na parte "séria" do jornal (editorias de economia, política, etc). A arte, nesta página, representada pelo assunto literatura, não no seu aspecto cultural, mas como objeto de consumo, pode perder como "obra de arte", mas ganha em informação, em exposição. E o fato de estar inserida no contexto do jornal como informação, ocupando o meio da semana, dia em que o consumidor está mais voltado para as coisas práticas da vida, a página desperta atenção. A superficialidade inerente às notícias também se ajusta a estruturação da página, que não se preocupa em análise, nem em situar os livros em seu contexto histórico e social. O livro é uma mercadoria, assim como a notícia: o conhecimento, a riqueza intelectual fica em segundo plano.

3.7. Omissões: as falhas podem ser corrigidas.

As limitações enfrentadas na seleção dos livros apresentados, não impede uma crítica severa. Não é o que se pode chamar de crítica literária, como também não há um julgamento mais contundente com relação a obra. Mas, considerando-se o espaço que a página ocupa, não é possível se fazer algo mais profundo. A superficialidade é inerente à própria estrutura do trabalho jornalístico em si. As notícias têm um conteúdo superficial, expondo apenas os lances mais gerais dos acontecimentos, sem contextualizá-los. Então, consideradas as devidas

proporções, a página "Livros", do Diário do Nordeste cumpre a função de informar o que existe em termos de livros de ficção e não ficção, baseado nas fontes que enviam material.

É claro que, mesmo diante de tantas dificuldades de produção da página, como a falta de tempo do resenhador, a política editorial e falta de apoio do próprio jornal, não se justifica determinadas omissões sobre a produção Literária local, por exemplo, que não tem muito espaço na página. Devido às limitações da página, condiciona por toda uma estrutura social que determina o comportamento dos leitores, não é possível criar possibilidades de se abrir espaço para novos talentos, merecedores de atenção, não abre possibilidades enfim, de se expandir o universo literário, pois a página correria o risco de se tornar erudita demais, não encontraria leitores e correria o risco de ser extinta. A página representa uma pequena contribuição no campo literário, aproveitando as brechas e expressando uma resenha literária crítica. Apesar das imposições de um mercado editorial que não dá liberdade suficiente para fazer uma escolha de livros com autonomia, existem outras faixas de interesse que o jornal precisa abranger e alcançar. No entanto, isto não vai mudar numa estrutura que sustenta a página, alicerçada num consumismo que reduz a arte a mercadoria, que tenta atingir a "fatia maior de mercado", como o de "best-seller" e que reforça a preferência do público com insistentes matérias sobre seus lançamentos. Não importa se a resenha seja positiva ou negativa. O filão só tende a crescer.

5- CONCLUSÃO:

O processo de industrialização capitalista transformou a arte num objeto de consumo generalizado, mas por outro lado, socializou seu acesso. A imprensa contribuiu sobremaneira para o processo de socialização do conhecimento, da informação, proporcionando a todos, indistintamente, o que era privilégio de uma elite: o contato com os bens artísticos.

Através dos jornais, a literatura era introduzida no cotidiano da classe emergente, a burguesia. Não muito familiarizada com o tom pomposo e complicado da linguagem aristocráticas, a burguesia encontrou nos folhetins, veiculados pelos jornais, uma leitura fácil que projetava seus conflitos emocionais, e a punha em contato com um bem cultural que era reservado a nobreza.

Mais tarde, a crítica literária, que também ocupava as páginas dos jornais e era executada por intelectuais, analisando a Literatura como um todo, ficou reservada aos livros universitários, deixando os jornais, cedendo lugar ao que se convencionou chamar resenha (apreciação de produtos culturais destinados ao consumo). Isto ocorreu devido 'a crescente industrialização e abrangência maior de leitores (classe média e operariado), que buscavam numa linguagem simples e direta uma descrição rápida do produto cultural que estava no mercado como se estivessem diante de uma vitrine de loja.

A resenha apresentada na página "Livros", não leva em consideração as diferenças sociais e culturais existentes, nivelando os leitores e impondo os livros que devem ou não ser consumidos.

A página Livros, do Diário do Nordeste, que se dedica a resenhas literárias, não foge 'a regra. Nela, a Literatura é reduzida a produto descartável. A Literatura como forma de ligação entre o indivíduo e o mundo exterior seria redescoberta somente com uma transformação social que estimulasse e promovesse o interesse de

todos aos bens culturais legítimos. Afinal, como disse Monteiro Lobato, “Um país se faz com homens e com livros”. Mas, enquanto se reforçar a ignorância dos indivíduos, uma nação só será construída por quem só quer manter a miséria e a alienação como condição para continuar no poder.

Nesse sentido acreditamos que a compreensão do significado da página “Livros” se faz dentro do contexto social em que o jornalismo atua. A ação da imprensa não está dissociada das ações hegemônicas vigentes na Sociedade. A medida que a página “Livros” é o reflexo desse conjunto, as concepções que defendem a importância e o papel social da Literatura precisam totalizar a ação Literária no contexto de outras ações sociais (comunicativas, educacionais, entre outras políticas culturais e sociais). Em nenhum momento a dimensão artística da Literatura é a resposta para a realidade social e cultural de um povo.

Com a integração da página Livros, respeitando toda sua estrutura formal inicial, no Caderno de Cultura, veiculado todos os domingos a partir do dia 19 de maio de 1996, observa-se uma certa evolução dos aspectos culturais abordados pelo jornal “Diário do Nordeste”. Ao invés de veicular somente os lançamentos, a abordagem literária foi ampliada para a produção de artigos, análises literárias e outros gêneros literários, embora esta iniciativa ainda continue atrelada a uma estrutura social cuja principal característica é o desnível econômico e cultural, não permitindo o acesso de todos aos bens artísticos, mesmo que tentem provar que é uma maneira “democrática” de levar a todos, indistintamente, um pouco de “cultura”.

6. BIBLIOGRAFIA:

ADORNO / HORKHEIMER. Dialética do Esclarecimento. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1985.

BENJAMIN, WALTER. A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica.

BERNARD-HENRY LEVY. Elogio dos Intelectuais. Rio de Janeiro. Editora Rocco. 1988.

BOSI, AFREDO. História Concisa da Literatura Brasileira. 3ª Edição. São Paulo. Editora Cultrix, s/d. 566 páginas.

COELHO, TEIXEIRA. O que é Indústria Cultural. 8ª Edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1982.

FREITAS, BÁRBARA. A Teoria Crítica: Ontem e Hoje. 5ª Edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1986.

FRISCHER, ERNEST. A Necessidade da Arte. 2ª Edição. São Paulo. Editora Ática. 1978.

HARVEY, DAVID. A Condição Pós-Moderna - uma pesquisa sobre as origens das mudanças culturais. Edições Loyola. São Paulo, 1993.

LIMA, BATISTA DE. Os Vazios Repletos: Ensaio Literários. 2ª Edição. Fortaleza - Universidade de Fortaleza, 1993.

LYOTARD, JEAN FRAÇOIS. O Pós-Moderno. José Olímpio, São Paulo, 1986.

MARCUSE, HERBERT. A Dimensão Estética: Arte e Comunicação. São Paulo, Livraria Martins Pontes, 1977. 92 p.

MARCONDES FILHO, CIRO. O Capital da Notícia (jornalismo como produção social da segunda natureza). 4ª Edição. São Paulo. Editora Ática, 1986.

MORIN, EDGAR. Cultura de Massas no Século XX - o espírito do tempo 1 - Neurose. 6ª Edição. Rio de Janeiro. Florense - Universitária, 1984.

MELLO, JOSÉ MARQUES DE. A Opinião no Jornalismo Brasileiro. 3ª Edição. São Paulo. Editora Ática, 1985.

ORTIZ, RENATO. A Moderna Tradição Brasileira. 3ª Edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1988.

PAZ, OTÁVIO. A Outra Voz. 2ª Edição. São Paulo. Editora Portela, Eduardo. Teoria da Comunicação Literária. São Paulo. Tempo Brasileiro, 1970.

SANDS, ANDERSON, editor do Caderno 3, do Diário do Nordeste, entrevista concedida em outubro de 1994.

GURGEL, ÍTALO. Professor de Literatura da UFC, entrevista concedida em outubro de 1994.

LANDIM, TEOBERTO. Professor de Mestrado em Letras da UFC, entrevista concedida em outubro de 1994.

VIANA, CARLOS AUGUSTO. Professor de Literatura e resenhador da Página Livros, do Diário do Nordeste, entrevista concedida em novembro de 1994.

ANEXOS

“As águas de escorpião” tem boa estrutura ficcional

Tendo como espaço o Rio de Janeiro, tocando com o novo uma temática antiga, “As Águas de Escorpião”, de Clair de Mattos Santos, é um retrato cru da nossa contemporaneidade ao mesmo tempo que se impõe como um intrigante romance de investigação da natureza humana.

As Águas de Escorpião”, de Clair de Mattos Santos (Editora Civilização Brasileira, 276 páginas), impõe-se, antes de tudo, como uma forma bem sucedida de estruturação ficcional. A atenção do narrador, em terceira pessoa, concentra-se no movimento em espiral dos episódios que, a rigor, percorrem muito mais os corredores da subjetividade humana do que propriamente a exterioridade. Desse modo, o cenário, os gestos, os acidentes somente ganham importância na medida em que intervirão no estado emocional das personagens: a rejeição, de certo modo inconsciente, que o pai sentia por uma de suas duas filhas gêmeas, Andréia, pois, preferia Adriana a ela, é acentuada não na menina, mas na mulher, que, por conta do estigma, tinha “incapacidade pro

tam em tudo. Esse contraste se consolida, no fluxo do tempo, em duplo movimento: a bela, de início, vai agravando as condições do ser mental e físico da não-bela, de tal modo que, quase concomitantemente, a primeira chega a uma ápice que, a continuar, só lhe oferece a decadência, e a segunda, ou abdicar de si ou resage, em teimosia (ou se quiser, pertinácia) busca de um lugar ao sol”.

Quanto à técnica de composição, ganha relevância a habilidade da autora em explorar, ao máximo possível, as potencialidades dos elementos do discurso: o direto, o indireto e o indireto livre. Tendo uma atmosfera, às mais das vezes introspectiva, em determinados momentos o fluxo da consciência surpreende, de tal modo o leitor, que, desatento, pode até ser levado à ilusão de que a trama tenha apresentado um novo foco condutor.

Ao lado da investigação psicológica, corre, em igual importância, a que se concentra na crítica ao contexto social. A autora, irônica, clássica, mordaz até, compreende bem o universo mesquinho da classe média ou da classe dominante e, a partir da fragmentação de episódios, trata, com refinado humor, de apontar o ridículo da condição humana, quando a miséria social

em contraste com a apolonia, acaba, no fundo, deixando as personagens como representantes da frustração, do desencanto, do desengano, da ausência de perspectivas.

A linguagem, objetiva, concisa e clara, também resulta de um pleno domínio da apreensão do coloquialismo como caminho por que a autora representa, com mais fidelidade, a condição de suas personagens. O entrelaçamento da frase bem elaborada, às vezes banhada de certa poesia, com outras de pura oralidade

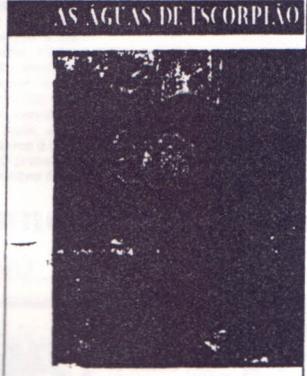


Carlos Augusto Viana
Da Editora do Caderno 3

TRECHO

Deitou-se de roupa e tudo, que a cabeça girava naquela zoeira mansa do plique. Mas dormir, não dormia. Imaginava o que Andréia estaria fazendo. Se algum outro jornalista da comitiva... não... Andréia não era esse tipo de mulher. Não era. Mas, poderia alguém acreditar realmente que as pessoas são a imagem real do rótulo que ostentam? Até um superage patrulheiro, por vezes adormecida. E? Era instinto mesmo Droga. Por que se atormentar com o hipotético? Lógico que Andréia tinha a cabeça bem plantada e voltaria dentro de poucos dias, do mês mojejinho que era antes daquela maldita discussão. Ele é que tinha que aceitá-la como era, gostando de carregar a própria vida sem interferências. Estava certa, ela Certíssima. Mas o macho dentro dele, esse, gostava de ser dominador, prepotente manipulador. Alavismo cultural. O Cérebro consciente aceitava a postura feminista, mas o sentimento interior, mesmo morto, ainda era muito latente no homem supostamente civilizado. Fazer o quê? O sentir, inexplicável sob o ótica racional, pressibunda. É tal real quanto pensar o lógico (...). Andréia e Andréia: A mulher que eu escolhi para arfar. Escolhi. Ato falho. Ninguém escolhe o amor. Preciso refletir melhor sobre isso. Até que ponto amo realmente Andréia? Ela me obceca. Talvez por ser assim, fugidia e rara. Talvez por me lembrar Cristina. Talvez por ser o oposto de Adriana. Quem sabe? Terel me apaixonou por Andréia apenas para expulsar Adriana dos meus sentimentos? Ou seriam? Tão simples quanto trocar brinquedo perigoso por algo mais confiável? Loucura. Preciso dormir. Amanhã tenho uma agorria pesada no consultório. Preciso dormir. Mais alguns dias, e Andréia está de volta” (p. 135-136).

Antônio Houaiss, na orelha do livro, sintetiza, bem a seu modo, isto é, com aprofundada, a trama do romance. “Verse-à-que um tema — aparentemente nodal — é o de irmãs gêmeas que contras



LANÇAMENTOS

ADMINISTRAÇÃO

Administração: introdução ao estudo” de José Carlos Faria (Editora Pioneira, 168 páginas), numa linguagem direta e descomplicada, apresenta as teorias pioneiras e as funções básicas da Administração, possibilitando um bom posicionamento em relação às mesmas, facilitando, assim, o contato do leitor interessado em conhecer os segredos dessa ciência que, se bem compreendida, gera equilíbrio, rendimento e sucesso.

A evolução dessa ciência aqui estudada de um modo especial, até fascinante, visto ter recebido influências as mais diversas: da Filosofia, da Sociologia, da Psicologia Social, da Economia bem como de administradores profissionais propriamente ditos. É uma leitura obrigatória para administradores de empresas, empresários e estudantes de Administração interessados em ter uma visão ao mesmo tempo global e introdutória do campo.

O autor revela que para atingir a eficácia no processo administrativo são necessárias habilidades técnicas, humanas e conceituadas. A adequada combinação dessas habilidades é o caminho do sucesso do administrador. Para desenvolver essas habilidades é essencial o estudo das diversas teorias da Administração aqui de forma simples, elucidadas

CRÔNICA

Segundo o mundo tempo”, de Pepita Rodriguez (Editora Record, 144 páginas), é o segundo volume de crônicas autobiográficas da atriz e escritora. Ela, que já fora bem-sucedida no cinema, no teatro e na TV, vivendo papéis memoráveis, quando, no ano passado, lançou seu primeiro livro “Tempo de Colher”, simplesmente, confirmou a sua vocação para o sucesso.

Como no volume primeiro, neste livro Pepita Rodriguez se vale de espiritualismo. Ela fala dos efeitos positivos da adoção da yoga em sua vida, das vantagens da dieta vegetariana, dos efeitos terapêuticos da ginástica da Unibólica e do eco de sábias e aprofundadoras palavras de cientistas, profetas, líderes religiosos e filósofos que, de uma forma ou de outra, marcaram definitivamente a sua vida. Um fragmento de “o naufrágio das Formas”. Com todo este crescimento, ainda tinha que corrigir muitas tantas incongruências. Nunca teve coragem de matar nem mesmo uma formiga. Mas o primeiro dinheiro que ganhou depois de ter comprado um canto, minha casa, foi empregado na compra de uma fazenda”

De uma forma ou de outra, marcaram definitivamente a sua vida. Um fragmento de “o naufrágio das Formas”. Com todo este crescimento, ainda tinha que corrigir muitas tantas incongruências. Nunca teve coragem de matar nem mesmo uma formiga. Mas o primeiro dinheiro que ganhou depois de ter comprado um canto, minha casa, foi empregado na compra de uma fazenda”

AUDITORIA

Formação de auditores internos da qualidade”, de Jorge Cerqueira e Márcia Martins (Editora Pioneira, 143 páginas), escrito sob a forma de curso, aborda desde os modelos contratuais da ISO Série 900, passando pelos diferentes tipos de auditoria, até as diversas fases do processo de auditoria da qualidade.

Segundo o inglês Tim O’Hanlon, que assina o prefácio, um auditor bem-sucedido precisa ter conhecimento dos critérios e normas aplicáveis ao tipo de au-

ditores que pretende realizar: uma preparação minuciosa e completa; conhecimento de como a empresa funciona e dispor de evidências objetivas que sirvam como base para as observações. “Não existe conflito algum entre qualidade total e o processo de auditoria, exceto para aqueles que não sabem o que fazer para que este “casamento” dê certo”.

É um trabalho simples, objetivo, direto, didático de extrema utilidade para os profissionais que atuam na área de auditoria ou na gestão da qualidade.

ENSAIO

A Identidade da Metrópole”, de Maria Adélia Aparecida de Souza (Editora Hucitec, 257 páginas), segundo Milton Santos, parte do fato de que “A grande cidade é um fenômeno milenar. A metrópole é um fenômeno moderno. As megalópoles são um dado da pós-modernidade. Nestas, um traço característico é a sua expansão ao mesmo tempo horizontal e vertical. A cidade de São Paulo é, no Terceiro Mundo, o mais eloquente exemplo de verticalização”.

Maria Adélia A. de Souza é professora livre-docente da Universidade de São Paulo, doutora em Geografia pela Universidade de Paris - Sorbone, autora da Primeira PNDU - Política Nacional de Desenvolvimento Urbano do Estado de São Paulo, tendo publicado diversos trabalhos em diversos idiomas, sendo, também, detentora do Primeiro Prêmio Internacional da Francofonia em Urbanismo (Paris, 1991).

Este seu livro se beneficia de uma rica documentação sistematicamente acumulada, e que oferece um retrato da realidade empírica e sua teoria explicativa. O tema do livro não é o exame particular de um problema isolado, mas uma verdadeira teoria urbana de nossos dias em que aparecem, lado a lado, os processos de verticalização. O processo de verticalização. O processo de incorporação do papel do Estado, nas relações do indivíduo com o sítio urbano, a valorização da terra e, até mesmo, o comportamento social dos moradores.

CADERNO 3 INDICA

“O Sexo e o Ocidente”, de Jean-Louis Flandrin (tradução de Jean Progin, Editora Brasiliense, 368 páginas). Esse livro é uma história da sexualidade. Dirige-se, de modo, aos amantes da História, aos curiosos em relação ao passado. Mas será também um instrumento de trabalho indispensável a quem se ocupa com questões inerentes à sexualidade, fazendo disso um ofício. Na forma de uma série de problemas, colocados para comparação de documentos antigos com nosso conhecimento empírico do presente, o autor nos oferece uma história aprofundada de sexualidade ocidental.

Trata-se, a rigor, de uma obra de indagações: são os sentimentos, fatos da natureza? Será que nos compreendemos facilmente os sentimentos dos homens do passado, pelo simples registro que somos homens e mulheres em nós todos e naturezas humanas? A resposta, honesta, é que dizem os clássicos, e que ainda parece pensável, maior parte dos historiadores: “Quanto a mim, paria de uma convicção contrária: não há compreensão possível do que o próximo sente, visto que permanecemos estranhos à consciência que ele tem”.

Os estudos partem do desejo de conhecer, afirma o Franco Júnior na orelha do livro, interiormente o homem de ontem, para poder compreender em profundidade o homem de hoje. É, acima de tudo, um livro interessante e estimulante, que, sobretudo, nos aguçava a curiosidade.

Os mais Vendidos

Ficção	Não Ficção
1 - Na margem do Rio Piedra (Paulo Coelho - Ed. Rocco);	1 - O Mágico (N. E. Thing Entreprense - Ed. Martins Fontes);
2 - Nade dura para sempre (Sidney Sheldon - Ed. Record);	2 - Chão - O Rei do Brasil (Fernando Morais - Ed. Companhia das Letras);
3 - O Rei Leão (Estúdios Disney - Ed. Melhoramentos);	3 - Anjos Cabelistas (Mônica Buonfiglio - Ed. Berkana);
4 - Comédias da vida privada (Luis Fernando Veríssimo - Ed. L&PM);	4 - Minutos de Sabedoria (Carlos Torres Pastoreno - Ed. Vozes);
5 - O ponto de Deus (Frederick Foeyth - Ed. Record);	5 - O Sucesso não ocorre por acaso (Lair Ribeiro - Ed. Objetiva);
6 - Do amor e outros demônios (Gabriel Garcia Marquez - Ed. Record);	6 - Sebastiana quebra-palho (Neuzinha Machado Sales - Ed. Civilização Brasileira);
7 - A descoberta da América pelos europeus (Jorge Amado);	7 - Como não ser enganado nas eleições (Gilberto Dornstein e outros - Ed. Alita);
8 - Xamã, Noah Gordon	8 - O Brasil que dá certo (Stephen Kanitz - Ed. Makron Books);
9 - Declarando-se culpado, Scott Turow	9 - Cidade partida (Zuenir Ventura - Ed. Companhia das Letras);
10 - Memorial de Maria Moura, Rachel de Queiroz	10 - Viajando no tempo (Lair Ribeiro - Ed. Objetiva);

Fontes: Livrarias Ao Livro Técnico e Café com Letras

LIVROS

O elogiado "Antes que anoiteça" lançado no Brasil

"Antes que Anoiteça", do escritor cubano Reinaldo Arenas, tem como base o memorialismo. Escrito numa linguagem crua, mas quase sempre banhada pelo poético, é um mergulho nos abismos da condição humana. Um depoimento forte, emocionado, tenso sobre os múltiplos aspectos da contemporaneidade.

Antes que anoiteça", de Reinaldo Arenas (Record, 351 páginas), é marcado pelo tom confessional. O memorialismo é o condutor desse texto. Trata-se de um depoimento de natureza social e política concluído pouco tempo antes da morte do autor (em dezembro de 1990, em fase terminal de AIDS, suicidou-se em Nova Iorque).

Os capítulos iniciais, que tratam da reconstrução impressionista da infância, através do recolhimento do espaço, do tempo, de seres e coisas, são sedimentados num denso lirismo. Nessas passagens, o texto prima por extrair das palavras toda a sua essência, uma vez que o autor compõe a atmosfera a partir de impressões sensoriais, metáforas lancinantes e comparações inusitadas. Há também o gosto pela minúcia. De tudo parece desprender-se a poesia, e o sentido das coisas parece residir na banalidade: "Eu tinha dois anos, estava nu, de pé; inclinei-me e lambia a terra do chão. O primeiro sabor do qual me lembro é o sa-

bor da terra. Eu comia terra com minha prima Dulce Maria, que também tinha dois anos. Eu era um menino fraco, mas com uma barriga enorme, por causa das lombrigas que cresciam em meu estômago, de tanto comer terra. Comíamos a terra na roça da casa; a roça era o lugar onde dormiam os animais: cavalos, vacas, porcos, galinhas, ovelhas. A roça ficava pertinho da casa". A linguagem, embora crua, é transmutada segundo o contexto da experiência pessoal do autor. Nascido na miséria de uma família camponesa de Cuba durante a ditadura de Batista, participou da Revolução, nela engajando já perto do seu triunfo, mas logo se tornou um dos mais fortes opositores a Fidel Castro, sendo condenado a seis anos de exílio.

Talvez por isso seja forte nele o turismo. E a terra, ora denotando os aspectos mais repugnantes da pobreza, ora transformada em Idílio, é o que mais se impõe nas memórias do autor.

O jornal "El Paris" desta-



O escritor cubano Reinaldo Arenas política, homossexualismo e o drama da Aids

ca que "três paixões dominaram a vida e a morte de Reinaldo Arenas: a literatura (não como um jogo, mas com um fogo que se consome), o sexo e a atividade política. Das três, a mais dominante foi, sem dúvida, o sexo. Não somente em sua vida, mas também no trabalho. Ele foi o cronista de um país governado não pelo já imponente Fidel Castro, mas pelo sexo... Corrado com um rústico talento que quase alcança a genialidade nesse livro póstumo, ele teve uma vida onde o começo e o fim foram verdadeiramente o mesmo: desde o início, um longo e ininterrupto ato sexual..."

Sua vida foi sempre ligada ao sofrimento, ao preconceito e a uma sexualidade compulsiva, sobre a qual ele fala abertamente, sem poupar ao leitor nenhum detalhe de suas experiências, vividas desde a infância até a descoberta da AIDS. Sua extensa obra literária foi sempre produzida em condições adversas. Este livro, por exemplo, começou a ser escrito quando o autor vivia clandestinamente num bosque em Cuba e só podia trabalhar no manuscrito até o cair da noite. Tempos depois, em Nova-Iorque, era a morte que avançava sobre ele.

Um homem lúcido em relação à vida e ao que a dilacera e oprime e consciente do inultrível que é a morte.

TRECHO

"Talvez o acontecimento mais extraordinário de toda a minha infância tenha sido o que virou do Céu: o temporal. Não era um temporal comum; era um temporal de primavera tropical que se faz anunciar com grande estrondo, com golpes trazequais cósmicos, trovões que repercutem por todo o campo, relâmpagos que traçam riscos loucos, palmas subitamente fúminadas pelos raios e que pegavam fogo como fósforos. Logo em seguida, chegava a chuva como um imenso exército, caminhando sobre as árvores. Pelo corredor coberto de zinco, a água escoava como um tambor; sobre o teto de sapê de sala era como se muita gente estivesse pisando na minha cabeça; a água corria pelos canos como um estrondo de rios transbordando e caía sobre os barris como uma verdadeira cascata; nas árvores do pátio, das folhas mais altas até o chão, a água se transformava num concerto de tambores de tons diferentes e rítmicas estranhas; era um conjunto de sons estrondosos. Eu corria de uma ponta a outra do corredor, entrava na sala, chegava até a janela, ia para a cozinha e via os pinheiros do pátio enroscados e assoviando como loucos, e por fim, completamente sem roupa, eu me lançava para fora da casa e deixava que a chuva fosse me acalmando. Abraçava as árvores, releva na grama, construía pequenas represas de lama que deltinham a água e, nequês pequenos tanques, eu me olhava e chafurdava; chegava até o poço e via a água caindo sobre a água; olhava para o Céu e via bandos de pássaros verdes que também lembravam a chegada do temporal. Eu não queria apenas rolar na grama; queria subir, elevar-me como aqueles pássaros, soarinho com o temporal". (p. 36-37)

Lançamentos

ENSAIO

Os desafios da cooperação nos assentamentos da reforma agrária", de Mônica Das Martins, segundo próprio resumo da autora "aborda a questão da reforma agrária enquanto um movimento real no qual as classes sociais são as forças vivas que impulsionam esse processo".

O presente trabalho analisa, a partir da realidade concreta das ocupações de terra e dos assentamentos, a dinâmica da Reforma Agrária em construção no Ceará, entre 1986 e 1989. Destaca as formas de apropriação da terra e a organização das unidades de produção e trabalho, enquanto caminho pensado pelos assentados. O estudo das práticas desenvolvidas em cinco áreas reformadas, privilegiando o planejamento e a gestão das atividades econômico-sociais, demonstra que estes têm sido capazes de estabelecer relações de cooperação (...)

A análise das relações de poder no campo é enfocada sob duplo aspecto: a nova qualidade das organizações de classe e as novas formas de luta e mobilização, e resalta o surgimento da UDR e do NST no Ceará, bem como as modificações na prática política dos trabalhadores, durante as eleições municipais de 1988.

A proposta da Reforma Agrária em construção busca resgatar a capacidade inovadora do trabalhador e seu poder de decisão, enquanto cidadão e criador de riquezas materiais e bens culturais, negada pelo processo de desumanização e desqualificação por ele vivido...

FICÇÃO

Os restos mortais", de Fernando Sabino (Editora Ática, 36 páginas), é destinado ao público infantil-juvenil. Fernando Sabino é um dos mais atuantes prosadores da contemporaneidade brasileira. Dono de um estilo claro, preciso, bem-humorado, tem conquistado leitores há cerca de cinco décadas, desde que Mário de Andrade, em 1941, escreveu-lhe uma carta elogiando seu livro de estreia "Os grilos não cantam mais", escrito aos dezito anos.

Na crônica, no conto, na novela ou no romance, o autor consegue manter uma obra equilibrada, extrai geralmente das banalidades do cotidiano, em que sempre procura o irônico, o abissal ou simplesmente o grotesco.

Neste livro, a partir de revelações entre pai e filho, o autor procura, de certa forma, tratar do universal em termos de comportamento e de relações humanas. Escrito sob uma forma fácil, de leitura agradável, primando pela frase curta, em que se destaca a ordem direta, o autor não se limita ao superficial. Dentro das próprias limitações do gênero, busca, de certa forma, aprofundar questionamentos, fazer com que o público a que a obra se dirige passe, também, a refletir acerca dos temas inerentes ao próprio estar-do-mundo, ao difícil relacionamento entre o lirismo.

Trata-se de uma história de descobertas, de confissões. A prosa, por conta disso, em muitos momentos é tocada pelo lirismo.

EDUCAÇÃO

"Orientação educacional na prática", de Lia Giacaglia e Wilma Penteado (Pioneira, 157 páginas), é uma obra totalmente voltada para a nossa realidade, visando à formação e ao melhor desempenho do orientador vocacional. Bem fundamentada teoricamente, porém com enfoque prático, resulta do estudo aprofundado dos vários aspectos da Orientação Educacional, da sistematização de teorias, do exame da legislação pertinente e do trabalho amadurecido na experiência, durante décadas,

no exercício de funções e cargos diversos, nos diferentes graus de ensino.

Neste livro destacam-se, dentre outros, os seguintes temas: atribuições e ética no trabalho do orientador educacional, elaboração do plano de orientação educacional e participação no planejamento escolar, organização do serviço de orientação educacional: orientação familiar, escolar, vocacional, sexual e acompanhamento Pós-Escolar.

Destina-se a orientadores educacionais, alunos de Pedagogia, professores em geral.

POESIA

"Ilusões e realidades", de José Vasconcelos, Murici e Carla Bianca (Edições dos autores, 90 páginas), é um livro dividido em duas partes, caracterizando a poesia de seus respectivos autores, cuja temática se sedimenta no trato do cotidiano, bem como na investigação metafísica no sentido de um depoimento acerca das inquietações humanas.

O título bem sugere a visão de mundo dos autores: José Vasconcelos, mais preso aos dados do real, mesmo quando mergulha na atmosfera do lírico, não deixa transbordar em emoções; é, portanto, um poeta contido, conciso, com acentuado gosto pelos versos curtos, de declaração sucinta: "Você, ternura, simplicidade, / encarna bem a pureza/da menina moça - quase mulher. / No seu olhar carícia, / gostoso, envolvente, / eu vejo amor, espontaneidade/vida, saúde, simplicidade". Ressalte-se o tom de prosaísmo de que se revestem os seus versos, assim tão próximos da sensibilidade do leitor.

Carla Bianca, por sua vez, busca mais o incorpóreo, o nebuloso, alicerçando a poesia em imagens surpreendentes, enriquecendo a linguagem com necessários desvios: "Corpo só/procuro vestimenta./Alma nua/preciso de cor./Travestir meu peito de vermelho/viúva de cian/ provocando a descensão/destilando minha capa/manequeim do alheio./Sou o que travisto/vulto cinza/ coberto de organdi carne".

Os mais Vendidos	
Ficção	Não Ficção
1 - Na margem do Rio Piedra (Paulo Coelho - Ed. Rocco)	1 - Otho Maglo (N. E. Thing - Enterprise - Ed. Martins Fontes)
2 - Nada dura para sempre (Sidney Sheldon - Ed. Record)	2 - Chetô - O Rei do Brasil (Fernando Morais - Ed. Companhia das Letras)
3 - O Rei Lázaro (Mário de Andrade - Ed. Alhambra)	3 - Anjos Gabrielitos (Mônica Buontiflino - Ed. Berkana)
4 - Comédias da vida privada (Luís Fernando Veríssimo - Ed. L&PM)	4 - Minutos de Sabedoria (Carlos Torres Pastorino - Ed. Vozes)
5 - O caminho da Deusa (Frederick Forsyth - Ed. Record)	5 - O Sucesso não ocorre por acaso (Lair Ribeiro - Ed. Objetiva)
6 - Do amor e outros demônios (Gabriel García Márquez - Ed. Record)	6 - Sebastiana quebra-palho (Neuzinha Machado Salles - Ed. Civilização Brasileira)
7 - A descoberta de América pelos árabes (Jorge Amado - Ed. Alhambra)	7 - Como não ser enganado nas eleições (Gilberto Dimenstein e outros - Ed. Ática)
8 - Xamã, Noah Gordon	8 - O Brasil que dá certo (Stephen Kanitz - Ed. Makron Books)
9 - Declarando-se culpado, Scott Turow	9 - Cidade partida (Zuenir Ventura - Ed. Companhia das Letras)
10 - Memorial de Maria Moura, Rachel de Queiroz	10 - Viésando no tempo (Lair Ribeiro - Ed. Objetiva)

Fontes: Livrarias Ao Livro Técnico e Café com Letras.

CADERNO INDIC

154 páginas com conteúdo bastante atualizado, com uma estreia na crítica literária. A poeta brasileira, temporariamente afastada do Rio de Janeiro, escreve de dois cadernos de mulheres e o primeiro contém literatura até o centro deste romance de texto, metalinguístico, evoca uma com precisão a ênfase do trabalho de Javira florestal, que simultaneamente se desmonta e se reconstrói, quer se dissolva em uma linguagem de poesia.

Combina uma abordagem do mundo e do próprio trabalho, começa a própria vida, como de Borges, este autor que gostava de espelhos, de "mãe", de línguas, e línguas, aqui também se encontram o real e o imaginário, uma obra em que o texto se desmonta e se reconstrói, quer se dissolva em uma linguagem de poesia.

Numa linguagem desarmada, permeada de imagens coloridas e metafóricas, a autora convida a complexidade do texto, passa a ser, ele também, parte integrante de uma obra que se expõe e se esconde num exercício de metalinguagem que se reconstrói, quer se dissolva em uma linguagem de poesia, quer se dissolva em uma linguagem de poesia.

SUA ÚLTIMA CHANCE DE 1994

TODAS AS QUARTAS-FEIRAS VAMOS REVELAR O QUE HÁ DE NOVO NO MELHOR HUMOR DO BRASIL

APÓS A APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS O SHOW CONTINUA COM ARTISTAS DA TERRA

FESTIVAL DE humor DO SHOPPING ALDEOTA

RESERVA DE MESA 224.4996 (Micheluccio)

DE 02 de Novembro a 14 de Dezembro de 1994

REALIZAÇÃO SHOPPING ALDEOTA

Apelo: DIÁRIO DO NORDESTE

PATROCÍNIO BANERJ



Hotel Solidão

Oito contos sobre a inquietude humana

Hotel Solidão, de João A. Carrascoza, reunindo oito contos, em geral acerca dos devaneios, das inquietudes humanas, realiza-se como processo de plena elaboração da linguagem. As palavras, tocadas pelo poético, são responsáveis pela própria atmosfera dos textos.

"Hotel Solidão, de João A. Carrascoza (Scitta, 147 páginas), reúne oito contos todos acerca dos devaneios do precário haver humano."

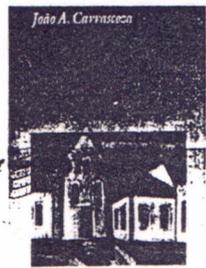
A partir dos títulos, por demais sugestivos (Cacador de vidro; Estrela-do-mar; Manhã aérea; Pães no plenitudo; Mapa apagado; Uma tentativa; Ritmo de passagem? e Hotel Solidão), os contos impõem-se como construções bem-realizadas.

Eliminando, quase sempre, as barreiras entre a prosa e a poesia, iluminando o texto

com metáforas surpreendentes, tingindo a linguagem de impressões sensoriais, o autor realiza uma prosa madura e, principalmente, reveladora de um trabalho cujo alicerce é a consciência da potencialidade das palavras. Cabe a elas, por sinal, o papel de conduzir por si mesmas o destino da narrativa. Mais do que na própria ação ou mesmo o desenho das personagens, a ficção é a realização do exercício da linguagem: "Duas partes iguais, para se dividir ou atar. Assim é o dia, quando o sol alinha-se no meio do céu. Uma forma inexistente de expressão, meio do céu, como tantas outras de que nos valemos pela vida. Impossível, mesmo com aparelhos mais precisos, descobrir como, em metades, o céu possa ser dividido. Tarefa inútil, aliás, a ninguém interessa tais medi-

das, será sempre reduzida a população do paraíso, ou enganoso é o versículo muitos serão os chamados, poucos os escolhidos". (p.27-Estrela-do-mar)

Em todos os contos, a preocupação maior do autor parece sempre ser a busca da expressão. A partir da linguagem, a atmosfera é construída



e nela é que se alicerça. Dai por que as narrativas apresentam um surpreendente movimento frasal. Nunca são construídas a partir dos mesmos modelos. Se em um conto, como "Manhã aérea", predomina o discurso direto como organizador do material da ficção, em outro o elemento descritivo será o responsável pela condução do texto. Como quer que seja, a partir deste ou daquele discurso, o autor sempre revela eficiência, criatividade, invenção e, acima de tudo, habilidade quanto ao seu processo de elaboração.

Quando opta pelo fluxo da consciência, pelo uso exacerbado do monólogo interior, seu mundo se torna nebuloso, e neste momento o texto é simplesmente o devaneio. Do no de uma prosa com grandes momentos de intimismo, em

que as metáforas são responsáveis pela construção de um universo bem particular, o autor realiza um texto invulgar. As vezes nebuloso, com as intervenções do mundo concreto não se revelando muito claras, mas, sobretudo, pleno de arte, de novidade, o texto de João Carrascoza é surpreendente. "O peão regressa, tripé de ferro, bule e canecas de metal nas mãos, titilando. Curva-se e sopra o fogo, revivando o daquele discurso, o autor sempre revela eficiência, criatividade, invenção e, acima de tudo, habilidade quanto ao seu processo de elaboração."

"Hotel Solidão" obteve o 1º Prêmio no XIV Concurso Nacional de Contos do Paraná, é natural de Cravinhos, interior de São Paulo, e atua como publicitário e professor.

TRECHO
"São duas horas da manhã. É curioso que a hora predileta das bruxas, basta conferir nos autos de Inquirição, seja nestes tempos a hora dos magos. Sim, porque lá no fundo da casa, o pedreiro e seus ajudantes estão terminando de fazer a massa. É a alquimia que ocorre aqui toda madrugada. Misturam farinha de trigo de pouca qualidade, apenas água e fermento. Depois de a cortarem em pequenas partes com os olhos, e a levarem ao calor do forno, completa estará a transmutação. Estalante, esse que teremos o pão para iniciar o novo dia. E, mesmo vinte séculos distante da Galiléia, impossível negar, este também será o pão da vida."

Mas, agora, é preciso arde que deixem a massa desossar, igual a uma criança, e a cubrem com manta quente para evitar os perigos da brisa noturna, que não faz nenhuma cerimônia diante de vidraças abertas.

Um dos ajudantes desaparece pelo corredor escuro, que conduz à frente da casa. Lá fora, há uma carruagem e uma pilha enorme de achas. Ele vai selecionando as mais grossas e carregando-as para cima. Nem percebe que a Lua chegou à plenitude e seu clarão ajudou a encontrar, com facilidade, entre a enorme pilha, a lenha apropriada. Bonito arde-se ele, de repente, arguesse a cabeça e a visse, Lua. Poderíamos imaginar a surpresa em seus olhos, ao lábios se abrirem, maior ainda a abertura em seu coração. Todavia, a noite para ele é horário sagrado, não de devaneios como para os que trabalham sob o sol." (p.61-62)

- 7 - Memorial do Convento (José Saramago — Ed. Bertrand do Brasil);
- 8 - O Cliente (John Galsworthy — Ed. Rocco);
- 9 - O Rabinó (Noah Gordon — Ed. Rocco);
- 10 - A grande arte (Rubem Fonseca — Ed. Companhia das Letras).

Lançamentos

ADMINISTRAÇÃO

"Derrota a Burocracia", de Kenneth Johnson, Ed. Rocco, tradução de Roberto Raposo, 192 páginas, não só analisa as contradições e os entraves provocados pelos modelos de administração burocráticos, como ensina que procedimentos adotados para transformar a estrutura das empresas organizadas neste modelo.

O autor afirma que a transformação dessas empresas depende de ser uma questão de escolha para tornar-se um imperativo econômico — no futuro o sucesso das organizações provavelmente dependerá mais da estrutura organizacional do que do acesso ao capital e a recursos de mercado.

Segundo ele, a burocracia prejudica a eficácia das empresas. Enfraquece o espírito de liderança e o empenho dos funcionários. Divide as pessoas que participam da organização, desviando as energias para a competição entre os setores.

O autor, neste livro, ensina como superar esses impasses através da reforma contínua — um modelo inovador de administração, testado com sucesso em várias empresas americanas, no qual as pessoas mais próximas do produto ou dos clientes, recebendo a responsabilidade de melhorá-lo continuamente a qualquer nível da organização.

ENSAIO

"Uma História da Saúde Pública", de George Rosen, tradução de Marcos Fernandes Moreira Unesp/Hucitec, 420 páginas, é um dos mais notáveis empreendimentos já feitos na descrição dos fatos em torno do desenvolvimento do esforço humano em prol da saúde pública, desde o Egito antigo.

O autor reuniu alientada documentação para esta redação — o que lhe rendeu, até agora, quatro edições nos Estados Unidos. E o leitor, especializado ou não, conta agora com esta preciosa obra que, por certo, contribui para o desenvolvimento do estudo e a compreensão das práticas vigentes no campo da Saúde Pública.

A função de proteger e promover a saúde e o bem-estar dos cidadãos é uma das mais importantes do Estado moderno, e representa a concretização de uma série de deliberações políticas, econômicas, sociais e éticas.

Conhecer a História ilumina o interesse público pela saúde. O autor escreveu o livro para um vasto círculo de leitores, profissionais de saúde e leigos, acreditando, por certo, que uma conscientização crescente quanto aos problemas de saúde que afetam todos, as comunidades do planeta, e a história da medicina romana e que nos brasileiros, também esperamos que um dia ela venha entre nós a se consolidar a saúde do povo e a suprema

FIÇÃO

"Por um Grande Amor", de Suzana Dias Beck (Editora Moderna, 79 páginas), é uma narrativa dirigida, em especial, ao público infanto-juvenil. Trata-se da descoberta do amor, do desejo, suas implicações no processo psicológico dos jovens.

Dona de uma prosa solta, alicerçada em frases curtas, as mais das vezes obedecendo à ordem direta da construção das frases, bem como valorizando sobremaneira o uso do discurso direto, a autora consegue atingir plenamente o seu objetivo, uma vez que realiza uma narrativa

aparentemente sem muito compromisso estético, mas, e neste caso é o que mais interessa, inserida no mundo do público a que ela visa.

Um avô desaparecido há muito tempo e que, de repente, retorna a uma cidadezinha qualquer, principalmente envolvido na ansia de conquistar o carinho da neta, Fernanda, a quem jamais conheceu, e o envolvimento dela com Rodrigo são as molas da narrativa. Um grande amor numa pequena cidade. Ainda as indagações perenes, tais como: teria ela razões para gostar de um avô a quem nunca viu? Mas o que o fizera retornar ali após tantos anos? Teria ela realmente encontrado o amor?

MÚSICA

Des cobrindo o Melhor do Jazz, de Stephen M. Strouff (Editora, tradução de Eduardo Francisco Alves, Edouro, 203 páginas), segundo comentário de "Booklist", é "algo maravilhoso, até subversivo, escondido como apenas mais um título numa nova série de guias musicais. Strouff é a própria essência da composição, da universalidade de gosto e de uma prosa excelente, não apenas descrevendo os desenvolvimentos estilísticos do jazz, mas também dando pesos iguais a cada período dessa música e a cada intérprete significativo.

Critico de música, historiador e fã do jazz, o autor transforma a descoberta do melhor do jazz numa coisa agradável e divertida, nesta viagem animada e acessível a todos os sons, estilos e história do jazz.

Num estilo leve, com profundas marcas de oralidade, combina informações básicas, mas fascinantes, sobre mais de 125 músicos essenciais, responsável pela criação dos sons do jazz, com sugestões para a audição de mais de 140 de suas gravações — relacionadas em todas as formas de reprodução disponíveis.

Ilustrado com 30 fotos de época dos músicos, e complementado por um glossário, uma bibliografia e um índice, o livro também apresenta a lista dos 60 álbuns de jazz mais importantes e um apêndice dos CDs adicionais notáveis para completar qualquer coleção desse estilo musical.

Os mais Vendidos	
Ficção	Não Ficção
01. A descoberta de América pelos portugueses, Jorge Amado.	01. Trinta Anos Esta Noite — 1964 O que vi e vivi, Paulo Francis
02. O Dossê Peicano, John Crisnam	02. O Sucesso Não Ocorre por Acaso, Lair Ribeiro
03. Memorial de Maria Moura, Rachel de Queiroz	03. Comunicação Global, Lair Ribeiro
04. Tempo de Matar, John Crisnam	04. A Lista de Schindler - Um Herói do Holocausto, Thomas Enally
05. Xamã, Noah Gordon	05. Reenquerra - Revolucionando a Empresa, Hammer
06. O Físico, Noah Gordon	06. Minutos de Sabedoria, Carlos Pastorino
07. Vale a Pena Viver, Danielle Steel	07. Prosperidade - fazendo Amizade com o Dinheiro, Lair Ribeiro
08. Declararam-se culpado, Scott Turow	08. Os Anos Loucos - Paris na Década de 20, W. W.
09. Amor Sem Igual, Danielle Steel	09. Como Não Ser Enganado nas Eleições, Gilberto Dimenstein
10. Uma tortura perigosa, K. F. Fogel	10. Emagrecer Comendo, Lair Ribeiro

Fontes: Livrarias Ao Livro Técnico e Cofé com Letras

CADERNO 3 INDICA

"Esquecer Palermo", de Edmonde Charles-Roux (Editora Record, 288 páginas) conta a história de uma jovem siciliana cujo trabalho de pesquisa em uma grande revista de Nova York acaba por conduzi-la à cidade que adora e que deixou após a morte de seu amante — a inesquecível Palermo.

O percurso da personagem é um amontoado de dúvidas. O que fazer quando a memória insiste em não apagar o passado, precipitando-a a todo instante a ele, quase como que obrigando-a a assumi-lo?

O romance estabelece um contraponto entre o antigo e o novo mundo, entre duas maneiras de ver a vida. Sua heroína mora em Nova York e tenta esquecer a Sicília natal. O livro é ao mesmo tempo uma magnífica história de amor, um retrato da Itália dilacerada pela aventura fascista e pela guerra, uma sátira a certos meios da imprensa, uma entremesadora evocação dos italianos que vivem na América.

Denso, rico, pleno de verdadeira vida e ternura, o romance foi escrito a partir de lembranças. Com fortes cores, pinta as cidades do Sul da Itália, devorado de luz, alívio e pobre, com todo o peso de seu passado milenar e de seus antigos costumes.

Repleto de personagens vigorosos — tem seu próprio folégo, seu ritmo particular e pessoal de narração.